Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco

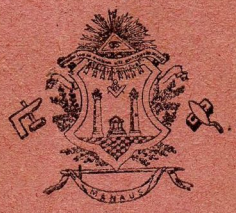
# RITUAL

dos

## MAÇONS ANTIGOS, LIVRES E ACEITOS

# Terceiro Gráu

(Mestre-Maçon)



(Adotado pela Maçonaria Simbólica Regular do Brasil)

BRASIL

— 1962 —

SEC-39592
-3968-

Ann
N63

Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco

# RITUAL

dos

# MAÇONS ANTIGOS, LIVRES E ACEITOS

## Terceiro Gráu

(Mestre-Maçon)

(Adotado pela Maçonaria Simbólica Regular do Brasil)

BRASIL

— 1962 —

# Gr.·. Loj.·. do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco

N.º 0416

Este exemplar, cuja autenticidade garanto, fica entregue à Loj:. Simb:. N.º 3 "Conciliação Amazonense", ao Or:. de Manaus, da obediência desta Gr:. Loj:., aos 29 de Novembro de 1963

Or:. de Manaus, 29 de Novembro de 1963

Pedro Augusto de Amorim

Grande Secretário Geral·.·

O presente exemplar é destinado ao uso pessoal do Ir:. Ufário Ypiranga Monteiro iniciado a 30 de novembro de 1963, na Loj:. Simb:. Conciliação Amazonense, ao Or:. de ..... da Jurisdição da Gr:. Loj:. do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco.

....., de ..... de 19.....

.....

Venerável Mestre

.....

Orador

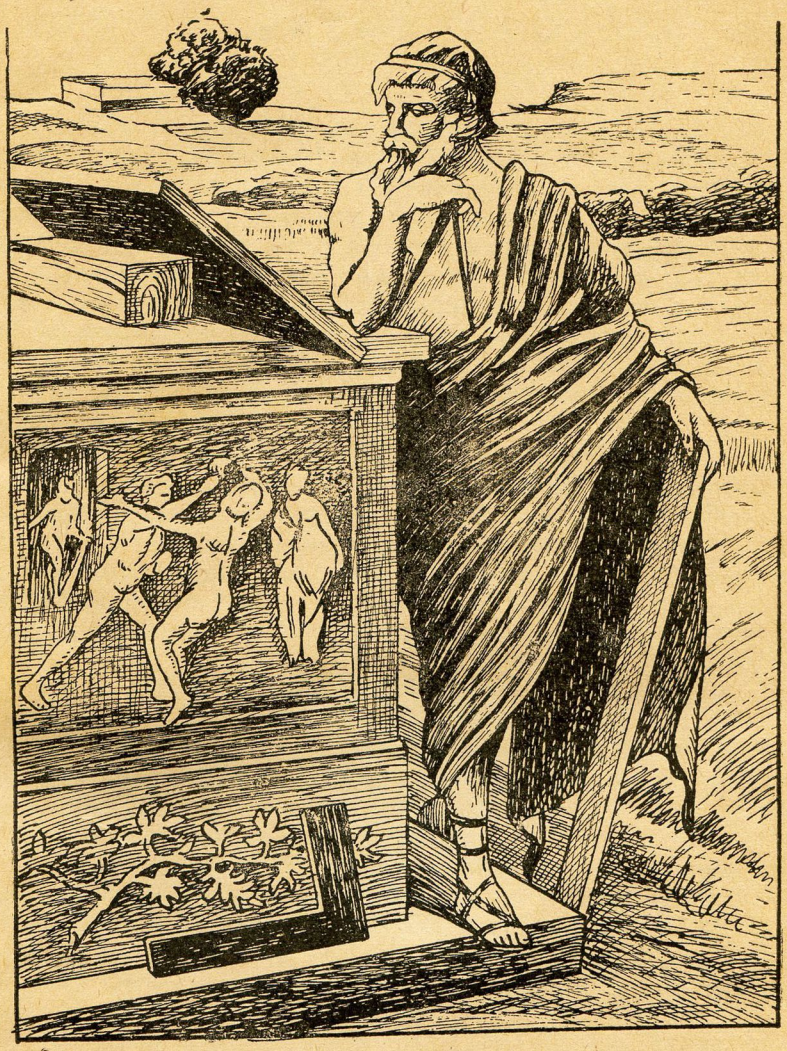
(Timbre da Loja)

.....

Secretário

Selado e timbrado por mim chanceler

.....



O MESTRE-MAÇON

# PREÂMBULO

Votado o Aprendiz ao trabalho **material** de desbastar a **Pedra Bruta** e, entregando-se o Companheiro ao trabalho **Intelectual** para a realização da **Pedra Cúbica,** cabe ao Mestre o trabalho **espiritual** expresso, claramente, na missão que lhe compete de espalhar a Luz e reunir o que está esparso.

Consagrado à firmeza de caráter, à Moral que não transige com o dever, o Grau de Mestre-Maçon faz do iniciado um ser que se sobrepõe a si mesmo, que se liberta das baixas contingências gregárias para viver nos outros, isto é espalhar a Luz e fazer da Fraternidade humana a mais forte, a mais pura e tangível realidade.

Morrendo para os vícios/erros e paixões, liberto que está da influência das ilusões, o Mestre renasce, no estado de inocência, no Amor que fortalece, na Verdade que dignifica e, na Virtude que sublimiza para, no cumprimento do dever, sacrificar-se pela Humanidade. Êste, o programa real da Maçonaria Simbólica, que o Mestre deve realizar para, com seus IIr., encontrar a **Palavra Perdida,** que opera o milagre da Ressureição.

## DA LOJA DE MESTRES

A Loja de Mestres, chama-se — **Câmara do Meio.** Suas paredes são completamente pretas semeadas, de espaço a espaço, de lágrimas prateadas, agrupadas em 3, 5 e 7 e de tíbias cruzadas, encimadas por uma caveira.

A Loja de Mestres, chama-se — **Câmara do Meio. Suas** nada por nove velas de cêra amarela, ou lampadas, sendo 3 no Trono do Ven. Mestre e 3 em cada um dos altares dos Vigilantes formado todas elas, entre si, um triângulo. Uma lâmpada fôsca de luz tênue penderá do centro do teto da Loja por sôbre o esquife.

No Altar dos juramentos, o Livro da Lei, sobre o qual descansarão o Compasso e o Esquadro.

No centro do Templo, um esquife coberto com pano prêto e, por sobre êste, um ramo de acácia. E espalhadas em tôrno, algumas ferramentas da Arte.

Os panos e as cortinas dos Altares são, também, prêtos, com lágrimas e orlas prateadas.

Cada centro de ensinamento possuia uma história simbólica, lenda frívola, na aparência, mas, profunda de analogias, que servia de base a toda concepção dos Mistérios.

À Maçonaria, herdeira direta dessas antigas fraternidades iniciáticas, não falta, também, sua história simbólica. Vamos narrar-vos, meu Ir., a lenda de Hiram e, se a não fizéssemos preceder das considerações que, aquí, vos faço, essa lenda pareceria um conto banal de coisas antigas, pouco interessante e vossa atenção não seria despertada e incitada a quebrar as cascas da lenda para descobrirdes, em seu âmago, a semente nutritiva e libertadora de vossa intelectualidade.

A Lenda de Hiram contém a chave das maiores adaptações simbólicas, que a Ordem Maçônica possa preencher. Sob o ponto de vista social, é a adaptação da inteligência aos diversos gêneros de trabalho; a divisão das fôrças sociais, concorrendo para a harmonia de todo e o lugar dado ao Mestre, por seu saber, em completo desenvolvimento.

Sob o ponto de vista moral, ensina a lei terrível que faz com que aquêle que auxiliastes e instruistes se revolte contra vós e procure matar-vos, segundo a fórmula da BESTA HUMANA: "O INICIADO MATARÁ O INCIADOR".

Pràticamente, enfim, é a certeza de que todo sacrifício é a chave de uma satisfação futura; o ramo de acácia que guiará os irmãos ao túmulo daquele que se sacrificou por êles, dando uma lição, eternamente viva, para o cérebro que a compreende e, além de tudo, é um ensinamento que poderá ser transmitido à Humanidade, qualquer que seja a evolução da sociedade profana.

Que nossos antigos IIr. do século XVII tenham visto, nessa lenda, uma representação mitologica da marcha do Sól; que outros tenham descoberto nela adaptações filosóficas, isso nada importa, pois, tôda a história verdadeiramente simbólica é a CHAVE UNIVERSAL de todas as manifestações físicas, morais e espirituais.

Agora, meu Ir., compreendereis a razão de ser dos Mistérios de que ides participar e sabereis porque a Maçonaria deve respeitar a tradição e os símbolos, que foram confiados aos Mestres Iniciadores".

* * *

# RITUAL DO TERCEIRO GRAU

## (MESTRE-MAÇON)

### ABERTURA DOS TRABALHOS

(Achando-se todos sentados)

**VEN.** — (!) — Em Loja, meus IIr. — Venerab. Ir. 1.º Vig., qual o vosso primeiro dever em Loja de Mestres?

**1.º VIG.** — Verificar se o Templo está coberto.

**VEN.** — Certificai-vos disso, venerab. Ir.

**1.º VIG.** — Ven. Ir. Gda. do Templo, cumprí vosso dever.

**(O Guarda do Templo, de espada em punho, entreabre a porta do Templo, verifica se o Cobr. está a postos, fecha-a e dá, na mesma, com o punho da espada, a Bateria do Grau, que será repetida pelo Ir. Cobr.)**

**G. TEMP.** — Venerab. Ir. 1.º Vig., estamos a coberto das indiscrições profanas e, assim, podemos trabalhar com toda a segurança.

**1.º VIG.** — Respeitab. Mestre, o Templo está a coberto das indiscrições profanas.

**VEN.** — Qual o vosso segundo dever, Venerab. Ir. 1.º Vig?

**1.º VIG.** — Verificar se todos os presentes são MM.MM.

**VEN.** — Fazei essa verificação.

**1.º VIG.** — (!) — De pé e à ordem IIr. de ambas as colunas.

**(Todos os que se acham nas CCol. levantam-se e ficam à ordem, voltadas para o Or. O 1.º Vig. desce de seu Altar e percorre as CCol. Terminada a verificação, o 1.º Vig. volta para seu lugar)**

**1.º VIG.** — Respeitab. Mestre, todos os VVen. IIr. de ambas as CCol., são Mestres-Maçons.

**VEN.** — (!) — Também, o são os do Or. — Sentai-vos VVen. IIr.

**VEN.** — (!) — Ven. Ir. 2.º Diác., qual é vosso lugar em Loja?

**2.º DIÁC.** — (De pé e à ordem) — À direita do Venerab. Ir. 1.º Vig., para transmitir suas ordens ao Venerab. Ir. 2.º Vig. e ver se todos os VVen. IIr. conservam-se nas CCol. com o devido respeito, disciplina e ordem.

**VEN.** — Onde tem assento o Ven. Ir. 1.º Diác.?

**2.º DIÁC** — À vossa direita e abaixo do sólio (Saúda e senta-se).

**VEN.** — Para quê ocupais êsse lugar, Ven. Ir. 1.º Diác.?

**1.º DIÁC** — (De pé e à ordem) — Para transmitir vossas ordens ao Venerab. Ir. 1.º Vig. e a todos os VVen. IIr., a fim de que os trabalhos se executem com presteza, regularidade e perfeição.

**VEN.** — Onde tem assento o Venerab. Ir. 2.º Vig.?

**1.º DIÁC.** — Ao Sul, Respeitab. Mestre. (Saúda e senta-se).

**VEN.** — Para quê ocupais êsse lugar, Venerab. Ir. 2.º Vig.?

**2.º VIG.** — Para melhor observar o Sol em seu meridiano, chamar os OObr. para o trabalho e mandá-los à recreação, a fim de que a construção se faça com ordem e exatidão.

**VEN.** — Onde tem assento o Venerab. Ir. 1.º Vig.?

**2.º VIG.** — Ao Ocidente, Respeitab. Mestre.

**VEN.** — Para quê ocupais êsse lugar, Venerab. Ir. 1.º Vig.?

**1.º VIG.** — Assim como o Sol se oculta no Ocidente, para terminar o dia, assim, também, aqui tenho assento, para fechar a Loja, pagar os OObr. e despedí-los contentes e satisfeitos.

**VEN.** — Onde é o lugar do Respeitab. Mestre?

**1.º VIG.** — No Oriente.

**VEN.** — Para quê?

**1.º VIG.** — Assim como o Sol nasce no Oriente, para começar sua carreira e iniciar o dia, iluminando-o com seus raios, assim, também, aí tem assento o Respeitab. Mestre, para abrir a Loja, dirigí-la em seus trabalhos e esclarecê-las com as luzes da sabedoria maçônica.

**VEN.** — Venerab. Ir. 1.º Vig., para que nos reunimos aquí?

**1.º VIG.** — Para procurarmos a Palavra Perdida, Respeitab. Mestre.

**VEN.** — E a que horas começam os MM.MM. os seus trabalhos?

**1.º VIG.** — Ao meio-dia, Respeitab. Mestre.

**VEN.** — Que horas são, Venerab. Ir. 2.º, Vig.?

**2.º VIG** — Meio-dia, Respeitab. Mestre.

**(O Respeitab. Mestre dá, com o Malhete, a Bateria do Grau, que é repetida pelos VVenerab. VVig. e todos ficam de pé e à ordem. O 1.º Diác. sobe os degráus do Trono, saúda o Respeitab. Mestre que, após corresponder à saudação dá-lhe a P.S. aos ouvidos, começando pelo esquerdo. Recebida esta, o 1.º Diac. saúda**

**o Respeitab. Mestre e vai, com as mesmas formalidades, levá-la ao Venerab. Ir. 1.º Vig. que a transmite, pela mesma fórma e, por intermédio do 2.º Diác. ao 2.º Vig. Êste, ao lhe chegar a P. S., diz:)**

**2.º VIG.** — Tudo está justo e perfeito em minha Col., Venerab. Ir. 1.º Vig.

**1.º VIG.** — Tudo está justo e perfeito em ambas as CCol., Respeitab. Mestre.

**(O mais moderno dos exVVen. presentes ou, em sua falta, o Ir. Orador, vai postar-se ao Oc. do Altar dos Juramentos, a convite do M.CCer.; os 1.º e 2.º DDiác. vão, respectivamente, para os lados N. e S. e cruzam seus bastões, juntamente com o M. CCer., à altura das cabeças. Depois de saudar o Respeitab. Mestre, o ex-Ven. ou o Orador abre o L. da L. na parte apropriada e, depois de ler os versículos correspondentes, sobrepõe-lhe o Esquadro, com os ramos voltados para o Or. e, sobre êste, o Compasso, com as pontas voltadas para o Oc. Em seguida, saúda o Respeitab. Mestre)**

**VEN.** — (Descobrindo-se) — Graças Te rendemos GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO porque, por Tua bondade e misericórdia, nos tem sido possível vencer as dificuldades interpostas em nosso caminho para nos reunirmos, aquí e prosseguirmos em nosso labor. Faze, Senhor, com que nossos corações e inteligência sejam, sempre, iluminados pela Tua Luz e, fortificados por Teu amor e bondade, possamos compreender que, para nosso trabalho ser coroado de êxito, necessário é, em nossas deliberações subjugarmos paixões e intransigências à obediência dos sublimes princípios da Fraternidade, a fim de que nossa Loja possa ser um reflexo da Ordem e da Beleza que resplandece em Teu Trono — (!) — À Gl. D.G.A.D.U., em honra a São João, nosso padroeiro, sob os auspícios da Grande Loja .....
e, em virtude ,dos poderes de que me acho investido declaro aberta, no grau de Mestre-Maçon, a Loja Simbólica ....., n.º ....., cujos trabalhos tomam plena fôrça e vigor. Que, tudo, nêste Augusto Templo, seja tratado aos influxos dos sãos princípios da Moral e da Razão!

**(O M.CCer. e os DDiác. desfazem a abóbada. O 1.º Vig. levanta a Col. de seu Altar e o 2.º Vig abaixa a do seu)**

**VEN** — (!) —A mim, VVen. IIr., pelo Sinal e pela Aclamação.
**TODOS** — (Depois de feito o Sinal e voltando à ordem:) — HUZZÉ! HUZZÉ! HUZZÉ!

**(Terminado êste ato, o M.CCer. e os DDiác. retornam a seus lugares e, de passagem, o 1.º Diác. abre o Painel da Loja)**

**VEN.** — (!) — (Cobrindo-se) — Sentemo-nos, VVen. IIr. (Pausa) — Ven. Ir. Secretário, tende a bondade de nos dar conta do Balaústre de nossos últimos trabalhos. — (!) — Atenção, VVen. IIr.

**(O Secretario, sentado, procede à leitura do balaústre da última sessão, finda a qual:)**

**VEN.** — VVen. IIr., se tendes alguma observação a fazer sobre a redação do balaústre que acaba de ser lido, vos será concedida a palavra.

**(Se algum Ir. tiver que fazer observações, pedirá a palavra ao Ir. Vig. de sua Col., batendo palmas uma vêz e ficando de pé e à ordem. Reinando silêncio, os VVig. anunciam)**

**VEN.** — Os VVen. IIr. que aprovam o balaústre que acaba de ser lido (caso tenha havido observações, acrescentará: com as observações do Ven. Ir. F. . . . . .), queiram fazer o sinal.

**(O M.CCer. verifica a votação e comunica ao Respeitab. Mestre que proclama, diretamente, o resultado. Em seguida, o M.CCer. toma o Livro de Atas e leva-o à assinatura do Respeitab. Mestre e do Orador, restituindo-o ao Secretário que, também, o assinará)**

**VEN.** — Ven. Ir. Secretário, tende a bondade de ler o Expediente. — (!) — Atenção, VVen. IIr.

**(À medida que o Secretário fôr lendo o expediente, o Respeitab. Mestre irá dando o devido destino, sem submeter o assunto à discussão ou apreciação da Loja. Do expediente, farão parte os Atos e Decretos do Grão Mestre da**

Grande Loja, que serão lidos pelo Orador, estando todos os presentes de pé e à ordem. Findo o expediente, os trabalhos prosseguem de acordo com a ordem estabelecida. O Respeitab. Mestre fará os anúncios, diretamente, mas, o pedido da palavra será sempre feito por intermédio do Vig. da Col., ficando o Obr. de pé e à ordem. Reinando silêncio sobre qualquer assunto em discussão, os VVig. farão o anúncio. Após qualquer discussão, o Orador deverá fazer suas conclusões sem, absolutamente, emitir opinião pessoal. Terminada a leitura do expediente, o Respeitab. Mestre faz circular a bolsa de PProp. e IInf. que será levada ao Trono após a sua circulação, para a devida conferência, que será assistida pelos IIr. Orador e Secretário. Do resultado da coleta, será dado conhecimento aos Obreiros.)

* * *

# RITUAL DE INICIAÇÃO

## (TERCEIRO GRAU)

### EXALTAÇÃO A MESTRE MAÇON

(Observada a ordem dos trabalhos)

**VEN.** — (!) — VVen. IIr., por sufrágio unânime concordastes em exaltar ao Grau de Mestre-Maçon, o Ir. Com-Maçon F. . . . . Se razões em contrário não surgiram, até hoje, para modificar vossa deliberação, dizei-me se concordais em manter vosso consentimento.

**(Se houver objeção, será submetida, sem discussão, à votação e a Loja resolverá por maioria de votos. Havendo revogação de consentimento os trabalhos de exaltação serão suspensos e, caso favorável:)**

**VEN.** — Ven. Ir. Exp., ide preparar o candidato, fazei-lhe a exposição que lhe compete e, depois, vinde entregá-lo, à entrada do Templo, ao Ven. Ir. M.CCer.

**(O Exp. retira-se do Templo, indo buscar o candidato, conduzindo-o, devidamente preparado, à porta do Templo, onde o Cobr. o trolha como Comp. O Exp. volta ao Templo e o M. CCer., indo substituí-lo, bate à porta do Templo, com a Bateria do Grau de Companheiro-Maçon).**

**G. TEMP.** — (De pé a à ordem) — Venerab. Ir. 2.º Vig., como Comp. batem à porta do Templo.

**2.º VIG.** — Como Comp. batem à porta do Templo. Venerab. Ir. 1.º Vig.

**1.º VIG.** —.Respeitab. Mestre, como Comp.-Maçon, batem à porta do Templo

**VEN.** — Mandai ver quem, assim, bate.

**G. TEMP.** — (Depois de feita a verificação) — É o nosso Ven. Ir. M. CCer. conduzindo o Ir. Comp. F. . . . ., que terminou o tempo de estudos das nossas tradições e ciências e pede para ser exaltado ao Sublime Grau de Mestre-Maçon, Respeitab. Mestre.

**VEN.** — (Com voz forte) — Porque o Ven. Ir. M. CCer. vem perturbar nossa dor? Ela deveria induzí-lo a afastar

daquí qualquer Ir., maximé um Comp. Meus VVen. IIr. talvez esse Comp. seja um dos que causaram nossa dor! Armemo-nos. (Pausa) Quem sabe se foi a vontade divina que entregou um criminoso à nossa justiça?! Ven. Ir. 1.º Diác., ide com o Ven. Ir. Exp. e mais três VVen. IIr., todos armados e apoderai-vos dêsse Comp.; examinai-o da cabeça aos pés e, sobretudo, vêde se as suas mãos estão puras e sem mácula. Tirai-lhe o Avental e trazei-mo, caso verifiqueis que nêle não existe vestígio algum do crime que foi praticado.

**(Todos os presentes voltam a ponta das espadas para o sólo e ficam em atitude de recolhimento. O 1.º Diác., saindo com os demais IIr. indicados, segura o candidato pela corta que o envolve e, ao mesmo tempo, retira-lhe o Avental. Seguro o candidato pelos outros IIr. o 1.º Diác procede ao exame ordenado, depois de que, entrando no Templo, diz:)**

**1.º DIÁC.** — Respeitab. Mestre, vossas ordens foram cumpridas. Nada encontrei sobre o Comp. que possa torná-lo suspeito de criminoso. Suas vestes, suas mãos estão limpas e, aqui, está seu Avental para que verifiqueis que sua brancura não tem nenhuma nódoa.

**VEN.** — VVen. IIr., permita o G.A.D.U. que seja vã minha suspeita e que êsse Comp. não seja daqueles que devemos punir! É preciso, porém, que o recebamos com todas as precauções e procedamos às mais minuciosas pesquisas, porque, embora inocente, êle não deve ignorar a causa de nossa dor. Pelas respostas que der a nosso interrogatório, poderemos firmar nosso juízo. Se sois da mesma opinião manifestaí-vos.

**(Todos manifestam-se, simbólicamente)**

**VEN.** — Ven. Ir. 1.º Diác., ante o consentimento dos VVen. IIr., ide perguntar ao Comp. seu nome, idade, em que tem trabalhado e como poude conceber a esperança de ser recebido entre nós.

**(O 1.ºDiác., depois de informado, transmite as respostas ao Guarda do Templo que as passa, diretamente, ao Ven. A idade é a maçônica)**

**G. TEMP.** — Respeitab. Mestre, diz o Comp. chamar-se F. . . ., com . . . anos de idade, que trabalhou na **Pedra Cubica**, no

interior do Templo, exercitando-se nas ciências e no estudo da letra IOD. Concebeu a esperança de ser recebido entre nós pela P. deP.

**VEN.** — (Admirado) — Pela P. de P.?! Esta temerária resposta confirma nossas suspeitas. Como sabe êle a P. de P.? Certamente por meio do crime que cometeu. Eis VVen. IIr., a prova de sua audácia e de seu crime! (!) — Venerab. Ir. 1.º Vig., ide examinar, cuidadosamente, o Comp. (Nêsse momento, o Exp. coloca no esquife um Ir. mais novo, para o cerimonial).

**1.º VIG.** — (Depois de cumprida a ordem) — Respeitab. Mestre, é extrema a audácia do Comp.; seu proceder traduz excessiva malvadez. Estou convencido que êle vem espiar o que aqui se passa e iludir nossa bôa fé. (Depois de examinar, mais de perto, a mão direita do Comp.) — Céus! É êle! (agarrando o Comp. pela corda e com voz ameaçadora) — Fala, desgraçado! Como déste a P. de P? Quem te a comunicou?

**COMP.** — Não a conheço. Quem me acompanha vô-la dará por mim.

**1.º VIG.** — Respeitab. Mestre, o Comp. confessa não conhecer a P. de P. e diz qe seu condutor a dará por êle.

**VEN.** — Pedí-a, então, ao condutor,

**1.º VIG.** — (Depois de recebida a P. de P., dada pelo M.CCer.) — Respeitab. Mestre, a P. de P. está certa.

**VEN.** — Franqueai o ingresso ao Comp. e, vós, VVen. IIr. que o escoltais, não deixeis de vigiá-lo. Ide, com êle, para o Ocidente.

**(O M.CCer. segurando a corda que envolve o Comp. fá-lo entrar de costas, ficando entre CCol. onde o M.CCer. entrega a corda ao Exp. e, êste, faz o Com. voltar-se para o Or. O 1.º Vig. volta para o seu lugar.)**

**VEN.** — Companheiro, grande é vossa temeridade e indiscrição, apresentando-vos, aqui, no momento em que, justamente, desconfiamos de todos os Companheiros. A dor e a consternação que divisais em nossos semblantes, os restos mortais encerrados nêste esquife, tudo deve lembrar-vos a imagem da morte. Se ela houvesse sido o tributo à natureza,, senti-la-íamos, mas, não nos afligiríamos tanto, nem nos veríamos compelidos a punir um crime e a vingar o assassinato do extremoso amigo, que foi nosso

querido Mestre. (Pausa) — Tomastes parte nêste horrível crime? Sereis, por acaso, do número dos máus Companheiros que o cometeram? Vêde sua obra!

**(O M.CCer. retira o pano que cobre o esqife e mostra ao Comp. o corpo nêle encerrado, representado pelo mais novo dos Mestres presentes)**

**VEN.** — Com certeza já ouvistes falar das cerimônias antigas que a Maçonaria guarda por tradição. Os sinais de luta e consternação que vêdes em torno, prendem-se a essas tradições e, os instrumentos à solta, traduzem a preocupação e a confusão que reina entre os Obreiros do Templo. Para que melhor possais compreender os motivos de nossa dor, ides passar pelo cerimonial de exaltação a Mestre-Maçon. — (!) — Ven. Ir. M.CCer., fazei o Comp. praticar sua primeira viagem.

**(O M.CCer. toma o Companheiro pela mão direita, parte em viagem pelo N., Or. e S. e, passando pelo Ocid. continúa a marcha pelo N., entra no Or. abeirando-se do Trono, pelo lado N. Nessa viagem, o Comp. vai ladeado pelos VVen. IIr. que o escoltam e seguido pelo Exp., que segura a corda. O órgão executará marcha lenta. Chegados ao Trono, o Ir. que se encontrava no esquife retira-se e o M.CCer. manda o Comp. dar leve pancada no ombro direito do Ven. Mestre que, encostado o Malhete no peito do Comp. diz:)**

**VEN.** — Quem vem lá?

**M.CCR.** — É um Comp. que findou seu tempo de estudos e deseja ser exaltado ao Grau de Mestre-Maçon.

**VEN.** — Que esperança o conduz, para conseguir seu fim?

**M.CCER** — Confia na P. de P.

**VEN.** — Como a dará,, se não a conhece?

**M.CCER.** — Eu a darei por êle. (Dá a P. de P.)

**VEN.** — (!) — Passe!

**(O M.CCer. conduz o Comp. para o Ocid., ficando entre CCol.)**

**VEN.** — (!) Ven. Ir. 1.º Diác., examinai o neófito nos TT. de Apr. e Com.

**1.º DIÁC.** — (Depois de cumprida a ordem) — Respeitab. Mestre, os TT. estão certos. (Volta para seu lugar.)

**VEN.** — Ir. Comp., ides, agora, representar o maior homem do mundo maçônico, nosso Respeitabilíssimo Mestre Hiram, assassinado quando a construção do Templo de Salomão atingira seu maior grau de perfeição.

**(Todos formam um círculo suficientemente largo, em torno do esquife, ficando o Respeitab. Mestre com o Maço, no lado do Or.; o 1.º Vig., com o Esquadro, no lado do Ocid. e o 2.º Vig., com a Régua de 24 polegadas, no lado do S. Se houver mais de um Companheiro, sòmente um será submetido ao cerimonial, ficando os outros ao lado esquerdo do 2.º Vig.)**

**VEN.** — David, rei de Israel, tencionava erigir um Templo ao Eterno e, para êsse fim, acumulou imensos tesouros. Desviando-se, porém, do caminho da Virtude, faltou-lhe a proteção do G.A.D.U. Assim, a glória da edificação coube a seu filho Salomão que, antes de dar início à construção de tão suntuoso Templo, pediu a seu aliado e amigo Hiram, rei de Tiro, que lhe enviasse o mais célebre arquiteto de seu reino. Foi enviado Hiram-Abib, grande perito em arquitetura, a quem Salomão, conhecendo-lhe as virtudes e os talentos, confio-lhe a direção dos OObr., cercando-o de tôdas as honras de que era merecedor.

**1.º Vig.:** — Como os trabalhos eram imensos e os Obreiros, vindo de vários países, não tinham o mesmo preparo, Hiram, para perfeita distribuição, dividiu em três classes Aprendizes, Companheiros e Mestres, tudo de acôrdo com o preparo e competência de cada um. Os pontos de reunião eram: para os Aprendizes, a Col. do Norte; para os Companheiros, a Col. do Sul; e, para os Mestres, a Câmara do Meio.

Pela dedicação e pelo esfôrço empregado, os operários mais estudiosos iam subindo de categoria e, com esta, recebiam aumento de salários. Dentre os Companheiros mais hábeis e mais dignos, pretendia Salomão, ao término da construção, elevar a Mestres os que, realmente, merecessem, a fim de que ao voltarem para seu país, pudessem angariar, mais fàcilmente, a vida como Mestres de outras construções.

**2.º Vig.:** — Quasi ao terminar a construção do Templo, quinze Companheiros que, ainda não tinham completado o tempo de estudos, desejosos de regressar à pátria, combinaram arrancar de Hiram a P. de M., para que muito embora

sem conhecimentos precisos, pudessem frequentar a Câmara do Meio.

Conseguido que fôsse êsse intento, regressariam ao país de origem e, aí, seriam reconhecidos e tidos como Mestres, obtendo melhores salários.

Dos quinze Companheiros, apenas, três levaram avante o projeto, pois, os doze outros, logo arrependidos da combinação, faltaram ao encontro. Três irmãos, J, J. e J., penetraram no templo e foram ocupar, respectivamente, as portas do S., do Oc. e do Or., por uma das quais deveria sair Hiram, ao terminar as orações que fazia no Santuário.

VEN.: — Ao sair pela porta de S., J., interceptando-lhe os passos, exige-lhe a P. de M., ao que lhe responde Hiram: "Não é por êsse meio que a podereis receber; tende paciência e completai vosso tempo com zêlo e diligência e lá chegareis. Além, disso, só a recebereis em presença dos reis de Israel e de Tiro, pois, jurei só revelá-la em presença de ambos". Raivoso com esta resposta e desejando intimidar o Mestre, J. dá-lhe uma pancada com a régua. Hiram, desviando o rosto, é atingido na garganta.

**(O M.CCer. leva, então, o Comp à presença do 2.º Vig. que, segurando-o pela corda, diz-lhe, três vêzes, em voz forte:)**

2.º VIG. — Dá-me a P. de M.

COMP. — Não!

**(Depois da terceira intimação, o 2.º Vig. dá, na garganta do Comp., uma leve pancada com a Régua. Em seguida, o Comp. é levado para junto do 1.º Vig.)**

VEN. — (Continuando) — Hiram precipita-se para a porta do Oc., a fim de fugir às iras de J., mas, a embargar-lhe os passos, encontra J. que, fazendo-lhe a mesma intimação e recebendo a mesma resposta, dá-lhe forte pancada no coração com a ponta do Esquadro, ferindo-o no peito.

**(O 1.º Vig., depois de segurar o Comp. pela corda e de fazer-lhe, por três vêzes, a intimação "Dái-me a P. de M." a que o Comp. responderá "Não", dá-lhe, com o Esquadro, leve pancada no peito. Em seguida, o Comp. é levado para junto do Respeitab. Mestre, de modo que fique bem próximo e de costas para o esquife.)**

**VEN.** (Continuando) — Atordoado, mas, ainda, senhor de suas fôrças Hiram procura sair pela porta do Or., onde J., como os dois outros, contrariado por ver inútil sua traição dá-lhe, com o Malho, forte pancada, na cabeça, prostando-o morto.

**(O Respeitab. Mestre dá, com o Malhete, leve pancada na cabeça do Comp. O 1.º Vig. e o 1.º Diác., de um lado e, de outro, o 2.º Vig. e o 2.º Diác., amparam o Comp. que, nêste momento, é deitado no esquife e coberto, pelo 2.º Diác. com um manto prêto, de modo que o rosto fique descoberto. Deve haver muito cuidado para que o Comp. não se machuque. Silêncio absoluto. Deitado o Comp., todos voltam para seus lugares nas CCol. e, em seguida, faz-se ouvir, na Câmara do Meio, rumor surdo de vozes abafadas).**

**VEN.** — Venerab. Ir. 2.º Vig., qual a causa dêsse tumulto?

**2.º VIG.** — Já passou de Meio-dia e os Obreiros reclamam seus salarios.

**VEN.** — E os trabalhos prosseguem?

**2.ºVIG.** — Todo trabalho está parado por estar ausente nosso grande Mestre.

**VEN.** — Ausente nosso querido Mestre, êle que é o primeiro a comparecer ao trabalho? (Pausa) — Fizestes a chamada, Venerab. Ir. 2.º Vig.?

**2.º VIG** — Sim, Respeitab. Mestre, mas a ela não responderam três OObr., J., J. e J.

**VEN** — Justamente os três maus Companheiros. Isto faz-me lembrar certos boatos, que correm a seu respeito. Por isso, estou apreensivo, temendo que haja sucedido alguma desgraça a nosso querido Mestre. (Pausa).
VVenerab. IIr. 1.º e 2.º VVig., mandai investigar pela cidade e procurai .obter notícias de nosso Ir. e Chefe (Longa pausa) Tivestes notícias do Ocidente, Venerab. Ir. 1.º Vig?

**1.º VIG.** — Nenhuma notícia tenho do paradeiro de nosso Mestre, Respeitab. Mestre.

**VEN.** — E vós, Venerab. Ir. 2.º Vig., obtivestes algum indício do S.?

**2.º VIG.** — Infelizmente, Respeitab. Mestre, nenhum indício foi encontrado daquele a quem procuramos.

**VEN.** — VVenerab IIr. VVig., dobrai o número de pesquisadores e enviai aos mais longínquos arrabaldes da cidade. (Longa pausa) — Nenhuma notícia do S.?

**2.º VIG.** — Nenhuma, Respeitab. Mestre.

**VEN.** — E vós, Venerab. Ir. 1.º Vig., tendes alguma comunicação do Ocidente?

**1.º VIG.** — Ah! Respeitab. Mestre, tenho tristes e dolorosas notícias do Ocidente! Agindo, segundo vossas instruções, meus Companheiros e eu partimos em direção a Oeste; chegados a Jopa, soubemos que três indivíduos, cujos sinais correspondem aos dos três Companheiros desaparecidos, procuraram obter passagem para a Etiópia. Cientes, porém, do fechamento daquele pôrto e vendo falhado seu intento, internaram-se no país. Então, decidimo-nos a seguí-los. Vencidos e prostrados pela canícula do meio-dia, fomos forçados a procurar um pouco de sombra à entrada de uma grande gruta. Mal havíamos repousado, quando ouvimos uma voz, que dizia: "Ai de mim! Preferia ter a garganta cortada, a lingua arrancada e meu corpo enterrado nas areias da práia, onde a maré faz fluxo e refluxo, do que ter sido cúmplice do assassinato de nosso Respeitab. Mestre Hiram-Abib".

**2.º Vig.:** — Prestando mais atenção, ouvimos uma segunda voz que se lamentava: "E eu, desgraçado que sou! Preferia que me arrancassem o coração para servir de pasto aos abutres, a ter sido cúmplice do assassinato de tão excelente Mestre".

Apurando, ainda mais, ouvimos uma terceira voz que, desesperada, exclamava: "Não se culpem! O miserável sou eu! Foi o meu golpe de malho que o matou! Quisera antes que dividissem o meu corpo ao meio, sendo uma parte lançada ao meio-dia e outra ao setentrião do que ter sido o infame assassino de nosso Mestre Hiram-Abib".

Adquirida a certeza de que, ali, estavam aquêles a quem procurávamos e sendo justa a nossa causa, precipitamo-nos na gruta, agarramos os desalmados e os trouxemos para submetê-lo ao vosso julgamento.

**VEN.** — Todos nós louvamos vosso zêlo e diligência. Por acaso, em caminho para cá, êsses infames disseram alguma coisa que nos possa esclarecer sôbre o lugar em que se encontra o corpo de nosso Mestre?

**1.º — VIG.** — Um dêles, mais comunicativo que os outros, disse que haviam escondido seu corpo sob uma pilha de

materiais; temendo, porém, que o descobrissem, conduziram-no, ao cair da noite, para o monte Mória, onde o enterraram, assinalando a sepultura com um ramo de acácia.

**VEN.** — Meus VVen, IIr., eis as tristes e dolorosas notícias, que nos comunica os Venerab. IIr. 1.º e 2.º Vig.

(Dirigindo-se ao 1.º Vig.) — Mandai conduzir êsses desgraçados para fora dos muros da cidade, para que cada um seja punido com as próprias sentenças que proferiram. E nós, meus VVen. IIr., caminhemos, no mais absoluto silêncio e procuremos descobrir o corpo de nosso excelente Mestre. Se conseguirmos encontrá-lo, dar-lhe-emos sepultura condigna de sua posição e de seus elevados méritos.

**(Todos os presentes colocam-se em redor do esquife, formando grande círculo. O Ven. no lado do Or.; o 1.º Vig., no Ocid.; e o 2.º Vig. ao S.)**

**VEN.** — Meus VVen. IIr., giremos em tôrno dos restos de nosso saudoso Mestre Hiram-Abib com o S. de Aprendiz (Todos fazem uma volta completa em torno do esquife).

**VEN.** — Ven. Ir. 1.º Vig., procurai levantar o corpo de nosso Mestre com o T de Apr.

**1.º VIG.** — (Depois de segurar a m. d. do Comp., como Apr., larga-a) — Não posso, Respeitab. Mestre; escapa-se-me da mão.

**VEN.** — VVen. IIr., giremos em tôrno dos restos de nosso saudoso Mestre Hiram-Abib, com o S. de Comp. (Todos fazem uma volta completa em tôrno do esquife).
Venerab. Ir. 2.º Vig procurai L. o corpo de nosso Mestre, com o T. de Comp.

**2.º VIG.** — (Depois de segurar a m. d. do Comp., larga-a) — Não posso, Respeitab. Mestre, escapa-se-me da mão.

**VEN.** — VVen. IIr., giremos em tôrno dos restos de nosso saudoso Mestre Hiram-Abib com o S. de Mestre. (Todos fazem uma volta completa em tôrno do esquife e, durante a viagem, o órgão executa música solene).
VVenerab. IIr. VVig., tendo falhado vossas tentativas existe, ainda, um meio especial, que vou executar, com vosso auxílio e que é o de segurar a m. d. com a g. de M. e 1. pelos c. p. de p. que são: mm. agarradas, significando união indissolúvel entre os MM.MM.; p. unido a p., significando que todos os MM MM. caminham juntos para um

só ideal; j. unido a j., significando que ambos rendem o e L. pelos c. p. de p. que são: mm. agarradas, significando o amparo que todos os MM.MM. devem-se mùtuamente e, finalmente, p. unido a p., significando que os corações dos MM.MM. devem abrigar as mesmas virtudes e os mesmos sentimentos de fraternidade.

**(À medida que vai dizendo os diversos p. de p., o Respeitab. Mestre vai executando os movimentos correspondentes, de modo que, ao terminar e com o auxílio dos VVig., esteja o Comp. de pé. Depois de unir p. contra p., dará ao ouvido do Comp. a P.S. de M. Todos os presentes voltam para seus lugares nas CCol. e sentam-se. O 1.º Diác. faz brilhar todas as luzes, com profusão.)**

**VEN.** — Ven. Ir. M.CCer., fazei o neófito aproximar-se do Altar dos Juramentos, onde o fareis ajoelhar-se.

**(O M.CCer. conduz o neófito ao Altar dos Juramentos, onde o fará ajoelhar-se, colocando, em seguida, a m. d. sobre o L. da L.)**

VEN..—.(!) — De pé e à ordem VVen. IIr. O novo Mestre vai prestar seu Juramento sagrado. (Descobre-se e descendo do Trono, vai postar-se em face do neófito) — Repeti, comigo, vosso Juramento: "Eu, F....., juro e prometo de minha livre vontade e em presença do G.A.D.U. e, desta Loja consagrada a São João, nosso padroeiro, nunca revelar os segredos do Grau de M.M.; cumprir e fazer cumprir todas as obrigações inerentes a êste Grau. Se eu fôr perjuro, consinto que o meu nome fique em perpétuo esquecimento e considerado sacrílego para com Deus e desonrado para com os homens, por ter sido incapaz de guardar uma promessa feita perante esta Assembléia de homens dignos e, da qual, me honro em fazer parte que o G.A.D.U. me ajude a cumprir êste Juramento!

**TODOS** — Assim seja!

**VEN.** — Agora que conheceis as fôrças astrais e a imortalidade, aprendei a dirigir as vibrações de vossa alma, em pról da Humanidade; estudai, incessantemente, porque um Mestre não pode deixar de instruir-se, a fim de poder,

sàbiamente, esclarecer aos que trabalham sob sua direção. (Pausa) — Estareis, sempre, pronto a, com vosso trabalho e vossas luzes, cooperar na honrosa missão que a Maçonaria tem sôbre a Terra?

**NEóFITO** — ...

**VEN.** — (Estendendo a espada sôbre a cabeça do neófito:) À Gl. D.G.A.D.U. e, em honra a São João, nosso padroeiro, em virtude dos poderes que me acho investido, eu vos constituo Mestre-Maçon e vos concedo a plenitude de todos os direitos maçônicos. (Com o Malhete dá na espada a Bateria do Gr. e, em seguida, levantando o neófito, dá-lhe o beijo fraternal, volta ao Trono e cobre-se.)
(!) — Sentemo-nos, meus VVen. IIr. (Pausa) — Ven Ir. M. M.CCer., trazei o novo Mestre ao Trono. (Depois de cumprida a ordem) — Meu Ven. Ir., êste é vosso Avental (entrega-lhe o Avental) que lhe é cingido pelo C.CCer.. Em seguida o neófito calça as luvas brancas.
(Entregando a espada ao neófito que a cinge à cintura) — Recebei vossa espada. Símbolo, outróra, da fôrça dos Cavaleiros e dos nobres, para nós, significa honra e lealdade. (Entregando-lhe o chapéu) — Como Mestre tendes de conservar vosso chapéu à cabeça, quando em Loja de Mestres. (O Neófito, cobre-se).

**Orad::** — Até agora, obedecíeis, mas, de hoje em diante mandareis, como guia amigo e sincero. Essa autoridade, porém, não vos exime da obediência que vos é imposta, nem vos dá poderes discricionários de mando. O chapéu embora considerado substituto da corôa traduz a perfeita igualdade entre os Mestres; incute àquele que o usa o dever de governar de acôrdo com a justa vontade da coletividade. Assim, um Mestre, que não se curva ante os desmandos e as arbitrariedades dos homens, não pode e nem deve dirigir sua Loja a seu bel prazer, mas, inspirando-se nos sentimentos nobres e elevados de seus pares. Abstraindo-se de sí próprio, dominando-se e não se deixando influenciar por qualquer tendência inferior, o Mestre eleva-se à realeza por Iniciados, livre que fica de ùnicamente, resolver pela mais esclarecida razão. Deveis, pois, envidar o máximo de vossos esfôrços para atingirdes êste ideal, que vos conferirá a **realeza real,** da qual o vosso chapéu, apesar de sua aparência material e grosseira, é o símbolo mais expressivo (Pausa).

**VEN.:** — Para serdes reconhecido Mestre-Maçon tereis, como nos gráus anteriores, SS., T. e PP.

O S. de ordem, é êste (Mostra). Êle vos recordará a promessa formal do antigo Juramento, em que o M. preferia ter o seu c. d. ao m. e l. uma p. ao S. e outra ao S.; suas e. a. e r. a c. e estas l. ao v., a revelar os segredos do Gr. de M.M.; o de saudação, faz-se assim (mostra); o de horror, é êste (mostra); e, de socôrro, é êste (mostra).

O T., dá-se por esta forma (mostra) A P.S. é . . . e a P. de P. é . . ., dada sòmente quando se dá o T.

Depois de serdes reconhecido como Apr. e Comp., perguntai: Q.I.M.L.? Se a resposta fôr favorável, formai com o vosso interlocutor os C. PP. de PP. e, nesta posição, daí a P. S. (Pausa)

Ven. Ir. CCer., Conduzí o novo Mestre aos VVenerab. IIr. VVig., para que o apresentem aos VVen. IIr. de suas CCol. convidando-os a, doravante, reconhecerem-no como seu igual.

**2.º VIG.** — (Depois da chegada do neófito ao seu Altar) — De pé e à ordem, VVen. IIr. de minha Col. (executada a ordem) — De ordem do Respeitab. Mestre, vos apresento o Ven. Ir. F.. . . e vos recomendo que doravante, o tenhais como MestreMaçon. — (!) — Sentemo-nos, VVen. IIr.

**1.º VIG.** — (Depois da chegada do neófito a seu Altar) — De pé e à ordem, VVen. IIr. de minha Col. (executada a ordem) — De ordem do Respeitab. Mestre, vos apresento o Ven. Ir. F.. . . e vos recomendo que, doravante, o tenhais como Mestre-Maçon. — (!) — Sentemo-nos, VVen. IIr. (Pausa) — Respeitab. Mestre, o Ven. Ir. F. . . . foi apresentado a todos os VVen. IIr. de ambas as CCol. que, doravante, o reconhecerão como Mestre-Maçon.

**(O M.CCer. vai, com o neófito, para entre CCol.)**

**VEN.** — Rejubilemo-nos, VVen. IIr., pela exaltação do Ven. Ir. F. . . . (Descobrindo-se) — (!) — De pé e à ordem. (Pausa) — À mim, pelo S. e pela B.

**(Depois de executada, o Ven. cobre-se)**

**VEN.** — (!) — Sentemo-nos, VVen. IIr. (Pausa) — Ven. Ir. M.CCer., fazei nosso novo Ven. Ir gravar seu **ne varietur** na Tábua da Loja e fazei-o sentar-se na Col. do S. Ven. Ir. Orador, tendes a palavra. Atenção, VVen. IIr.

**ORADOR** — (Sentado e dirigindo-se ao neófito, lerá:) — Através do simbolismo, acabamos de fazer-vos conhecer,

na recepção do terceiro grau, a lei geral e imutável, que submete a natureza à eterna evolução e deixamos à vossa meditação os ensinamentos que, ainda, vos são precisos para o desempenho da missão que vos confiamos.

No mundo, tudo perece, excéto o Sol da inteligência e do amor, de que o Eterno se fez o santuário, onde esboroam-se os lances infernais do gênio do mal, que tende a secar as fontes da felicidade humana.

A Maçonaria fez-se e fortificou-se para enfrentar, de viseira erguida, a todos os males que enfraquecem o homem. Recebendo-vos nos grau supremi do simbolismo, ela o fez, crente de que sois digno de partilhar dos nossos trabalhos na guerra santa em que, guiados pelo G.A.D.U., empenhamos todo nosso amor em pról da Humanidade.

A datar de hoje, meu Ir., sois um verdadeiro élo da grande cadeia universal, constituida, em tôda a terra, pela Maçonaria; desde hoje participareis dos trabalhos da Câmara do Meio, onde os arquitetos da sociedade futura se reunem fìsica e mìsticamente para dar, continuadamente, à humanidade um pouco mais de luz, um pouco mais de bem estar e um pouco mais de razão.

Triunfastes da morte. Novo Hiram da Anunciação Social, ides, agora, traçar conscientemente o plano de vosso monumento intelectual, pois, não mais sois o Aprendiz que, penosamente, se esforça para desbastar a **Pedra bruta**; não sois mais o Companheiro que, fortalecido com os ensinamentos intelectuais e com as tradições maçônicas, prepara seu dinamismo cerebral; sois, agora, Mestre, consciente de vossa personalidade, chamado a desempenhar, na Ordem, todas as funções administrativas da Loja e a dirigir os Aprendzies nas pesquisas intelectuais, auxiliando vossos colegas — os Mestres —, no traçado das pranchas simbólicas.

Vossa responsabilidade aumentou em virtude mesmo da extensão de vossas funções. Se a Ordem vos assegura, por toda parte, passagem e proteção, ela espera, também, vosso esfôrço contínuo, vosso trabalho ininterrupto em pról da libertação das inteligências oprimidas e vossa coragem a tôda prova, quando preciso fôr arriscar-vos para salvar vossos Irmãos.

Irradiai, por tôda parte, a luz que recebestes; procurai, na sociedade profana, as inteligências livres, os corações bem formados, os espíritos elevados que, fugindo dos preconceitos e da vida fácil, buscam uma vida

nova e podem se tornar elementos poderosos para a difusão dos princípios maçônicos; aprendei a dominar-vos e fugí de todos sectarismo e, se vosso dever é combater os erros e as supertições, que os impostores infligem à Humanidade, ainda, na infância, evitai vos tornar sectário odioso dos homens.

Filósofo, isto é, amigo da sabedoria, guardai, sempre o equilíbrio mental que caracteriza o homem são de espírito, lembrai-vos que Hiram levantou suas duas Colunas à entrada do Templo cujo capitel descansa, harmônicamente, sôbre B. e J., isto é, sôbre a Fôrça e a Beleza.

Não se constrói um edifício, apoiando-o sôbre uma única coluna; sabei, pois, na construção moral e intelectual que ides empreender, equilibrar, sempre, os ensinamentos da razão com os sentimentos do coração. Lembrai-vos que a Maçonaria corre em auxílio dos desgraçados, quaisquer que sejam suas opiniões; que, em sua ação social, ela libera as consciências e reanima a coragem daqueles que nada mais esperam; e, se novo Hiram, estiverdes a ponto de receber o golpe fatal do Malho, vibrado por inconscientes e revoltados, lembrai-vos que todos os vossos IIr. saberão defender-vos e que, se sucumbirdes gloriosamente, cumprindo vosso dever, todos os Mestres dedicados procurarão, mais tarde, os vestígios de vossas obras, porquanto o ramo de acácia servirá para reconhecer vossas labutas em pról do desenvolvimento de nossa Ordem e da manifestação de vossos esforços intelectuais.

Trabalhai, meu Ir., tende consciência de vossos deveres e, se algum dia, o desânimo invadir vossa alma e vosso espírito perder a coragem para lutar, lembrai-vos do dia de hoje, dêste dia solene e inesquecível e dizei, até mesmo no momento em que as carnes se desprendam dos ossos: "NÃO! EU NÃO MENTIREI À MINHA MISSÃO! NÃO! A FRAQUEZA NÃO INVADIRÁ MEU ESPÍRITO! EU NÃO PARAREI NA SENDA DO PROGRESSO E DA PERFEIÇÃO, PORQUE A ACÁCIA ME É CONHECIDA!

**(Terminado o cerimonial, o Respeitab. Mestre faz circular o Tr. de Solid. e a seguir, o Respeitab. Mestre concederá a palavra ao Ir. Orad. para as saudações de estilo. Segue-se a palavra nas CCol. e, depois, no Or., após o que, o Respeitab. Mestre encerrará os trabalhos.)**

## ENCERRAMENTOS DOS TRABALHOS

**VEN.** — (!) — VVenerab. IIr. VVig., anunciai em vossas CCol., como eu anuncio no Or., que vamos proceder ao encerramento de nossos trabalhos. (Depois de feito o anúncio) Ven. Ir. 2.º Diác., qual é vosso lugar em Loja?

**2.º DIÁC.** — (De pé e à ordem) — À direita do Altar do Venerab. Ir. 1.º Vig.

**VEN.** — Para que, Ven. Ir.?

**2.º DIÁC.** — Para transmitir suas ordens ao Venerab. Ir. 2.º Vig. e ver se todos os VVen. IIr. se conservam, nas CCol., com o devido respeito e disciplina. (Saúda e senta-se)

**VEN.** — Ven. Ir. 1.º Diác., qual é vosso lugar em Loja?

**1.º DIÁC** — (De pé e à ordem) — À vossa direita e abaixo do sólio.

**VEN.** — Para que, Ven. Ir.?

**1.º DIÁC.** — Para transmitir vossas ordens ao Venerab. Ir. 1.º Vig e a todos os VVen. IIr. a fim de que os trabalhos se processem com prontidão e regularidade.

**VEN.** — Qual o lugar do Venerab. Ir. 2.º Vig.?

**1.º DIÁC.** — Ao Sul, Respeitab. Mestre (Saúda e senta-se)

**VEN.** — Para que ocupais êsse lugar, Venerab. Ir. 2.º Vig.?

**2.º VIG.** — Para melhor observar o Sol em seu meridiano, chamar os Obreiros para o trabalho e mandá-los à recreação, a fim de que possamos, com proveito e alegria, colher os bons frutos de nosso labôres.

**VEN.** — Onde tem assento o Venerab. Ir. 1.º Vig.?

**2.º VIG.** — No Ocidente.

**VEN** — Para que ocupais êsse lugar, Venerab. Ir. 1.º Vig.?

**1.º VIG.** — Para assinalar o ocaso do Sol, fechar, por vossa ordem, a Loja, pagar os Obreiros e certificar-me se estão plenamente satisfeitos.

**VEN.** — Onde tem assento o Respeitab. Mestre?

**1.º VIG.** — No Oriente.

**VEN.** — Para quê, Venerab. Ir.?

**1.º VIG.** — Assim como o Sol nasce no Oriente para começar sua carreira e iniciar o dia, assim, aí fica o Respeitab. Mestre para abrir a Loja, guiá-la em seus trabalhos e esclarecer a todos os VVen. IIr. com as luzes de sua sabedoria.

VEN. — Que idade, tendes, Venerab. Ir.?

1.º VIG. — **(Dá a idade)**

VEN. — A que horas devem os VVen. Mestres encerrar seus trabalhos?

1.º VIG. — À meia-noite, Respeitab. Mestre.

VEN. — Que horas são, Venerab. Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Meia-noite, em ponto, Respeitab. Mestre.

**(O Respeitab. Mestre dá, com o Malhete, a Bateria do Grau, que é repetida por todos os VVig. À última pancada do 2.º Vig., todos ficam de pé e à ordem. Com o mesmo cerimonial da abertura, transmite-se a P.S. O Ir. que abriu o L. da L. vai, com as mesmas formalidades, se postar junto ao Altar dos Juramentos.)**

2.º VIG. — (Depois de recebida a P.S.:) — Tudo está justo e perfeito em minha Col., Venerab. Ir. 1.º Vig.

1.º VIG. — Tudo está justo e perfeito em ambas as CCol., Respeitab. Mestre.

VEN. — (Descobrindo-se) — Venerab. Ir. 1.º Vig., estando tudo justo e perfeito, tendes minha permissão para fechar esta Loja de MM.MM.

**(Nêste momento é fechado o L. da L.)**

1.º VIG. — (!) — À Gl. do G.A.D.U. e, em honra a São João, nosso padroeiro, está fechada esta Loja de MM.MM.

VEN. — À mim, VVen. IIr., pelo S., pela B. e pela Aclamação).

TODOS — (Depois de dada a B. e voltando à ordem:) — HUZZÉ! HUZZÉ! HUZZÉ!

**(O 1.º Vig. abaixa o Col. de seu Altar e o 2.º Vig. levanta a do seu. Os IIr. que se encontram junto ao Altar dos Juramentos voltam a seus lugares. O 1.º Diác., de passagem, fecha o Painel da Loja.**

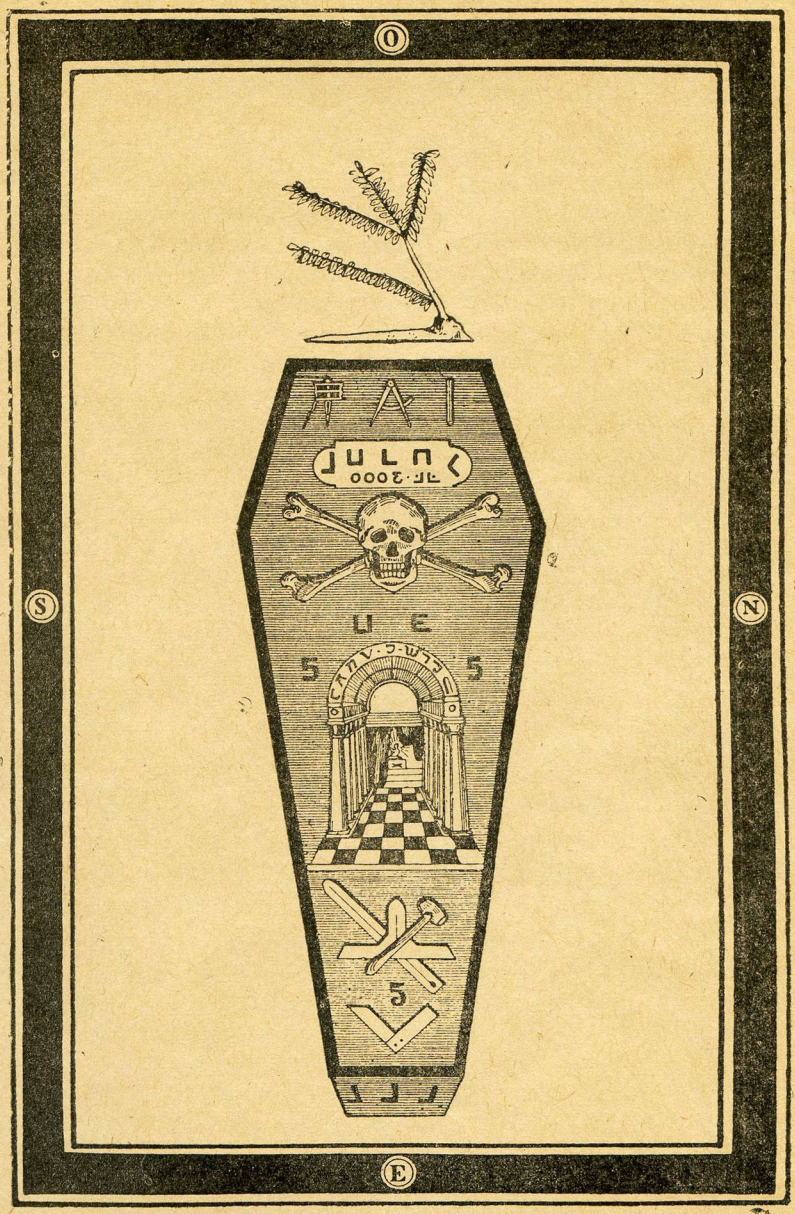
VEN. — (Cobrindo-se) — VVen. IIr. os trabalhos estão encerrados e a Loja de Mestre fechada. Antes, porém, de retirarmo-nos, juremos o mais absoluto silêncio sôbre tudo quanto aqui se passou.

TODOS — (Estendendo a mão direita para a frente) — Eu o juro!

VEN. — Retiremo-nos, em paz.

(Todos os presentes desfazem o sinal de ordem. A saída do Templo será feita, obrigatòriamente, em ordem inversa à da entrada, isto é, o Ven. Mestre sai acompanhado do ex-Ven. e VVig., aos quais, seguem os demais Oficiais, pela ordem hierárquica e os Obreiros. Durante a saída, o órgão executará o Hino Maçônico, de Mozart e, os OObr. poderão acompanhá-lo, cantando a respectiva letra, em surdina. Depois de passar o último Mestre, o Guarda do Templo apaga as luzes e fecha o Templo.)

* * *




PAINEL DA LOJA DE MESTRE

# INSTRUÇÕES

## PRIMEIRA INSTRUÇÃO

(Explicação do Painel da Loja de Mestre)

**VEN.** — VVen. IIr., nosso Ven. Ir. Orador vai dar-vos a primeira instrução do terceiro grau, que consiste na explicação do Painel da Loja de Mestres. Atentai bem nessa explicação, porque dela podereis inferir verdades que vos servirão de guia no caminho difícil que ides percorrer como M. M.

Como sabeis, nosso querido Mestre H. A. foi exumado pelos IIr. encarregados de descobrir seu corpo. Depois de cumpridas as sentenças que, para si próprios pediram J., J. e J., Salomão ordenou que fosse reenterrado o corpo do saudoso Mestre. Efetuou-se a inumação tão próximo do Sanctus Sanctorum quanto o permitiam as leis israelitas. Não foi sepultado no Sanctus Sanctorum, porque alí só tinha entrada o Sumo Sacerdote apenas uma vez por ano, quando, após as abluções e purificações, ia, no Dia da Expiação, festa religiosa dos hebreus, expiar os pecados do povo, visto como, pelas leis israelitas a carne era considerada imunda.

Nêsse dia, o Sumo Sacerdote queimava incenso em honra e à Glória do G.A.D.U. e rogava-lhe que, em Sua Infinita Sabedoria e Bondade, derramasse a paz e a tranquilidade sôbre a nação israelita, durante o ano que começava.

Ir. Orador, tende a bondade de explicar o Painel da Loja do MM. MM.

**ORADOR** — Os instrumentos, com os quais foi assassinado nosso Mestre H. A., foram a Régua, o Esquadro, e o Malho, cuja significação simbólica já conhecestes ao receberdes as instruções do Grau de Companheiro.

Os ornamentos da Loja de Mestre são: o Pórtico, a Lâmpada Mística e o Pavimento de Mosáico.
O PÓRTICO é a entrada para o Sanctus Sanctorum: a Lâmpada Mística é a fonte luminosa que o ilumina e o PAVIMENTO DE MOSAICO é o local por onde caminha o Sumo Sacerdote.

O PÓRTICO é, também, uma recordação de nossos deveres morais, pois, antes de transpô-lo, para chegarmos ao grau de Mestre, devemos adornar e fortalecer nosso

caráter para podermos compreender os mistérios e receber a recompensa da C. do M.

**1.ºVig.** — A LÂMPADA MÍSTICA simboliza a irradiação divina, cuja luz penetra os nossos mais íntimos pensamentos e sem a qual tudo voltaria às mais densas trevas.

O PAVIMENTO DE MOSAICO representa o Mundo, com suas dificuldades e contrastes, cujo caminho percorremos com intermitências de sombra e de luz, de alegria e tristezas, de felicidade e desdita.

A Caveira e as Tíbias cruzadas são emblema da mortalidade e aludem à morte do Mestre, ocorrida três mil anos depois da criação do mundo; são, também, uma lição sôbre a fragilidade das coisas terrenas e sôbre a vida efêmera do mundo físico.

Os utensílios do M. M. são: o CORDEL, O LÁPIS e o COMPASSO.

O CORDEL serve para marcar todos os ângulos do edifício, fazendo-os iguais e retos, para que os alicerces possam suportar a estrutura.

Com o LÁPIS, o arquiteto hábil desenha a elevação e traça os diversos planos para a construção e orientação dos Obreiros.

**2.º Vig.** — O COMPASSO serve para determinar, com certeza e precisão, os limites e as proporções das diversas partes da construção. Como, porém, não somos Maçons operativos, mas especulativos, aplicamos, por analogia, todos êstes instrumentos à nossa Moral. Assim, o Cordel nos indica a linha de conduta, sem falhas, baseada nas verdades contidas no L. da L. O Lápis nos adverte que nossos atos, palavras e pensamento são observados pelo Todo Poderoso a Quem devemos contas de nosso proceder nesta vida. Finalmente, o Compasso nos recorda Sua Justiça imparcial e infalível, mostrando-nos que é necessário distinguirmos o bem do mal, a justiça da iniquidade, a fim de ficarmos em condições de, com um compasso simbólico, apreciar e medir, com justo valor, todos os atos que tivermos de praticar.

**VEN.** — Eis aí, VVen. IIr., quanto nos ensina o Painel da Loja de Mestre, cujo estudo, deveis fazer com cuidado, pois resume o caminho do Mestre para a perfeição.

Assim, concito-vos a seguirdes êsses conselhos, a fim de que não fiqueis Mestres apenas nas insígnias e no Diploma, mas também, nos sentimentos e nas ações.

Está terminada a primeira Instrução.

## SEGUNDA INSTRUÇÃO

(Catecismo do Mestre)

VEN. — VVen. IIr., vamos, hoje, dar a segunda instrução do Grau de Mestre para nos recordarmos do dia memorável de nossa exaltação a êste sublime grau e, principalmente, para rememorarmos os ensinamentos contidos em suas diversas fases, a fim de que transformemos os símbolos em realidade. **(Pausa).**

Venerab. Ir. 1.º Vig., sois M. M.?

1.º VIG. — Respeitab. Mestre, a a. m. e. c.

VEN. — Porque me respondeis dêste modo, meu Ir.?

1.º VIG. — Porque a a. é o símbolo de uma vida indestrutível, cujos mistérios me foram desvendados.

VEN. — Venerab. Ir. 2.º Vig., onde fostes recebido Mestre?

2.º VIG. — Na C. do M., Respeitab. Mestre.

VEN. — Que lugar é êsse, meu Ir.?

2.º — VIG. — É o centro para onde convergem e onde se encontram aquêles que, depois de estudarem e meditarem profundamente, compreendem os Mistérios da Natureza.

VEN. — Que vistes, meu Ven. Ir., quando alí entrastes?

2.º — Vi luto e consternação em todos os semblantes.

VEN. — Qual a causa dessa dor?

2.º VIG. — O assassinato de nosso Mestre H.A.

VEN. — Venerab. Ir. 1.º Vig., por quem foi assassinado nosso querido Mestre?

1.º VIG. — Por três Companheiros traidores e perjuros, que quiseram obter uma recompensa sem havê-la merecido.

VEN. — Êsse assassinato foi efetivamente praticado?

1.º VIG. — Não, Respeitab. Mestre. O assassinato de H. A. é uma ficção simbólica, mas profundamente verdadeira pelos ensinamentos que encerra e pelas deduções que dela se infere.

VEN. — Dizei-me, meu Ir., o que representa a morte de nosso Mestre.

1.º VIG. — O assassinato de H. A. simboliza a pura tradição maçônica, isto é, a Virtude e a Sabedoria, postas constantemente em perigo pela ignorância, pelo fanatismo e pela

ambição dos Maçons que não sabem compreender a finalidade da Moçanaria nem se devotar à sua Sublime Obra.

**VEN.** — Venerab. Ir. 2.º Vig., que vistes no local onde fostes admitido?

**2.º VIG** — O túmulo de H. A., iluminado por tênue claridade.

**VEN.** — Quais são as dimensões do túmulo de nosso Mestre?

**1.º VIG.** — **Três pés** de largura, **cinco** de profundidade e **sete** de comprimento.

**VEN.** — A que aludem êsses algarismos?

**2.º VIG.** — Aos números sagrados propostos à meditação dos Aprendizes, Companheiros e Mestres.

**VEN.** — Que relação têm êsses números com o túmulo de H. A.?

**2.º VIG.** — O túmulo de H. A. encerra o segredo da Grande Iniciação, que só é desvendado pelos pensadores capazes de conciliar os antagonismos pelo **ternário**; de conceber a quintessência dissimulada pelas exterioridades sensíveis e de aplicar a lei do setenário ao domínio da realização.

**VEN.** — Venerab. Ir. 1.º Vig., qual foi o indício que fez reconhecer o túmulo de H. A.?

**1.º VIG.** — Um ramo de A., plantado na terra revolvida de fresco.

**VEN.** — Qual a significação simbólica dêsse ramo verdejante?

**1.º — VIG.** — Representa a sobrevivência de energias, que a morte não pode destruir.

**VEN.** — Quando conduzido para junto do túmulo do Mestre, que fizestes do ramo de A.?

**1.º VIG.** — Apoderei-me dêle, por ordem dos que me conduziam.

**VEN.** — Que segnifica isso, meu Ir?

**1.º VIG.** — Segurando a A., demonstrei que me ligava a tudo que sobrevive da tradição maçônica. Prometi, dêste modo, estudar, com fervor, tudo que subsiste do passado, de seus ritos, usos e costumes, sem deixar-me influenciar pelas opiniões que os classificam de arcáicos ou nocivos.

**VEN.** — Venerab. Ir. 2.º Vig., a que prova fostes submetido, diante do túmulo de H. A.?

**2.º — VIG.** — Tive que me rehabilitar da suspeita de ter participado do trama urdido pelos assassinos do Mestre.

**VEN.** — De que modo provastes vossa inocência?

2.º VIG. — Aproximando-me do cadáver a passos largos, sem receio, com a consciência tranquila.

VEN. — A que se relaciona a marcha que executastes?

2.º VIG. — A revolução anual do Sol, através dos signos do zodíaco.

VEN. — Por que não parastes em vossa marcha, meu Ir.?

2.º VIG. — Porque ela é, também, a imagem da vida terrena que se precipita, de uma vez, do nascimento à morte.

VEN. — Venerab. Ir. 1.º Vig., como fostes recebido Mestre?

1.º VIG. — Passando do E. ao C

VEN. — Por que o C. é utensílio particular dos Mestres?

1.º VIG. — Porque só êles sabem manejá-lo com precisão.

VEN. — Em que se baseiam os Mestres para usarem o C. com precisão?

1.º VIG. — Medindo tôdas as coisas, levando, porém, em conta sua relatividade. A razão do Mestre, fixa como a cabeça do C., julga os acontecimentos de acôrdo com as causas ocasionais. O julgamento do Iniciado inspira-se, não nas rígidas graduações da Régua, mas num discernimento que se baseia na adaptação rigorosa da lógica à realidade.

VEN. — Venerab. Ir. 2.º Vig., qual é a insígnia dos Mestres?

2.º VIG. — O E. unido ao C.

VEN. — Que significa a união desses dois instrumentos?

2.º VIG. — O E. regula o trabalho do Maçon, que deve agir com a máxima retidão, inspirado na mais escrupulosa equidade. O C. dirige esta atividade, esclarecendo-a, a fim de que produza a mais judiciosa e fecunda aplicação.

VEN. — Se um Mestre se perdesse, onde o encontrarieis, meu Ir.?

2.º VIG. — Entre o E. e o C., Respeitab. Mestre.

VEN. — Por quê, meu Ir.?

2.º VIG — Porque o Mestre procurado distinguir-se-ia pela moralidade de seus atos e pela justeza de seu raciocínio. É sob êste ponto de vista, que êle se conserva entre o E. e o C.

VEN. — Que procuram os Mestres, Venerab. Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — A PALAVRA PERDIDA.

VEN. — Que palavra é essa?

1.º VIG. — É a chave do segrêdo maçônico, ou melhor, é a compreensão daquilo que permanece ininteligível aos profanos e aos iniciados imperfeitos.

VEN. — Como perdeu-se a Palavra?

1.º VIG. — Pelos três grandes golpes, que sofreu a tradição viva da Maçonaria, dos Companheiros indignos e perversos.

VEN. — Podeis dizer-me, meu Ir., como tornaram a encontrá-la?

1.º VIG. — Tendo sido assassinado H. A., seus discípulos mais fervorosos resolveram descobrir sua sepultura, que lhes foi revelada por um ramo de A. Decidiram, então, desenterrá-lo e observar a primeira palavra que se lhes escapasse dos lábios, à vista do cadáver, e o gesto que indistintamente fizessem, uns aos outros, como mistérios convencionais do grau.

VEN. — Qual é, Venerab. Ir. 2.º Vig., a nova P. S., que substituiu a antiga?

2.º VIG. — M.

VEN. — Que significa esta P.?

2.º VIG. — É a palavra que expressa o significado divino e espiritual do homem. É a essência ou Enteléquia da expressão universal.

VEN. — Nunca se suspeitou da primitiva P S., que os conjurados tentaram arrancar a H. A.?

2.º VIG. — Sim, Respeitab. Mestre; acredita-se que ela corresponda ao Tetragrama Sagrado, cuja pronúncia só era conhecida do Sumo Sacerdote de Jerusalém.

VEN. — Como se comunica a P. S., Venerab. Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Pelos c. pp. pp. do mestrado.

VEN. — Quais são êles?

1.º VIG. — P. contra P. J. contra J. P. contra P.; MM: — DD. unidas em G.; M. E. sôbre o O. D. do Ir.

VEN. — A que fazem alusão êstes PP. PP.?

1.º VIG. — Â ressurreição de H. A.. A aproximação dos PP. indica que os MM. não hesitam em correr em socôrro de seus IIr.; os JJ., que se tocam, são promessas de intercessão em caso de necessidade; os PP. unem-se em sinal de que abrigam as mesmas verdades e que seus corações batem em uníssono, animados dos mesmos sentimentos; as MM. DD.; em G., indicam a união indissolúvel que os liga, mesmo em meio das maiores vicissitudes; final-

mente, MM. EE. sôbre os OO. DD. simbolizam que se ampararão mùtuamente numa possível queda.

VEN. — Qual é o sinal adotado pelos Mestres para reconhecerem-se, Venerab. Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — É o gesto de horror, que não puderam reprimir, quando descobriram o cadáver de H. A.

VEN. — Têm os Mestres outro sinal, meu Ir.?

2.º VIG. — Sim, Respeitab. Mestre; é o S. de S., reservado para os casos de extremo perigo. Executa-se com os DD. EE. e as MM. Sôbre a C., com as PP. para C., gritando-se: "A. M. O. F. D. V.".

VEN. — Êste S. de S. não tem uma variante?

2.º VIG. — Sim, Respeitab. Mestre, e é preferível por ser mais discreta. Faz-se com a M. D. F. sôbre a T., abrindo-se em seguida os D. I. M. e A. e pronunciando, sucessivamente: S., C., J.

VEN. — Qual é a V. de que os MM. se dizem F.?

2.º VIG. — É Isis, personificação da Natureza, a Mãe Universal, V. de Osiris, o deus invisível, que ilumina as inteligências.

VEN. — Qual é a P. de P. do 3.º Grau, Venerab. Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — T., A Bíblia assim denomina aos trabalhadores de pedra que colaboraram com os Maçons de Salomão, e com os de Hiram, rei de Tiro, na construção do Templo de Jerusalém.

VEN. — Como batiam os Mestres, meu Ir.?

1.º VIG. — Por três pancadas, igualmente espaçadas, para recordar a morte de H. A.; quando, porém, esta bateria foi atribuída aos AApr., os MM. MM., para distinguirem-se, repetiram-na por t. v.

VEN. — Que idade tendes, Venerab. Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — **(diz a idade).**

VEN. — Por que êste número?

2.º VIG. — O Apr. inicia suas meditações pela Unidade e pelo Binário para demorar no ternário, antes de conhecer o Quaternário, cujo estudo é reservado ao Comp.. Êste, parte do número quatro para deter-se no cinco, antes de

abordar o seis e preparar-se para o estudo do sete. Pertence ao Mestre o estudo detalhado do setenário aplicando o método pitagórico aos números mais elevados. Daí ser sua idade iniciátiva a de s. e mais.

VEN. — Como viajam os Mestres, meu Ir.?

2.º VIG. — Do Or. para o Oc. e do S para o N., Respeitab. Mestre.

VEN. — Por que?

2.º VIG. — Para espalharem a Luz e reunirem o que está disperso. Em outras palavras, para ensinarem o que sabem e aprenderem o que ignoram, concorrendo, por tôda parte, para que reinem a harmonia e a fraternidade entre os homens.

VEN — Como trabalham os Mestres, Venerab. Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Traçando os planos que os AApr. e os CComp. executam. Êste traçado simbólico representa o preparo do FUTURO, baseando-se nas lições e nas experiências do PASSADO.

VEN. — Qual o uso que os Mestres fazem da Trôlha?

1.º VIG. — Serve-lhes para encobrir as imperfeições do trabalho dos AApr. e dos CComp. Realmente, isto significa os sentimentos de indulgência que animam todo homem esclarecido para com as fraquezas humanas, de que conhece as causas. Os Mestres adotam como lema: A SABEDORIA NÃO ESTÁ EM CASTIGAR OS ERROS, MAS EM PROCURAR-LHES AS CAUSAS E AFASTÁ-LAS.

VEN. — Onde recebem os Mestres o salário?

1.º VIG. — Na C. do M., isto é, no centro onde a inteligência é iluminada pela Luz da Verdade.

VEN. — Qual é o nome do Mestre-Maçon?

1.º VIG. — Só vós o sabeis, Respeitab. Mestre; vós e todos aquêles que tiveram a elevada honra de dirigir os trabalhos de uma Loja.

VEN. — E vós, Venerab. Ir. 2.º Vig., podeis responder à pergunta que fiz ao Venerab. Ir. 1.º Vig.?

2.º VIG. — Não, Respeitab. Mestre, e pelas mesmas razões. A compreensão mais elevada que tem um Mestre-Maçon de seu verdadeiro papel é procurar, no seu íntimo, o Mes-

tre que está morto a fim de fazê-lo reviver, para que êle ressuscite em cada um de nós.

**VEN.** — Meus VVen. IIr., eis o nosso objetivo. Esforçai-vos, como Mestres simbólicos, em transformar o símbolo na realidade. Nunca desejeis ser apenas **titulares** de diplomas, nem portadores de insígnias. Metamorfoseai-vos em VERDADEIROS Mestres, isto é, naqueles que, pelo pensamento e pela ação, se encontram no caminho da Verdade.

Que a Infinita Sabedoria e a Infinita Bondade do G.A.D.U. se derramem sôbre nós, a fim de que possamos realizar a transformação do SIMBÓLICO no REAL.

Assim seja!

**TODOS** — Assim seja!

**VEN.** — Está dada a segunda Instrução. Repousemos, VVen.. IIr.

* * *

## TERCEIRA INSTRUÇÃO

**(Para leitura a sós e meditação)**

Noções de filosofia iniciática, relativas ao Grau de Mestre-Maçon.

### OS MISTÉRIOS DO NÚMERO "SETE"

Para justificar sua idade iniciática, o Mestre não pode ignorar coisa alguma das explicações que os antigos davam sôbre as propriedades intrínsecas dos números.

O 2.º Grau conduziu-o ao limiar do **setenário**, fazendo-o subir os sete degraus do Templo. Compete-lhe, agora, partindo do **sete**, percorrer toda a série dos números superiores.

Começemos por mostrar o prestígio excepcional de que goza o número sete. Já os Caldeus, construindo sete enxilhárias cúbicas na Tôrre de Babel, consideravam essa obra mais sagrada que as outras, pois o setenário dêsse edifício tinha por fim ligar a Terra ao Céu, porque a divindade se manifestava, aos olhos dos Magos, por intermédio de uma administração universal, composta de **sete ministérios.**

Êstes departamentos correspondiam aos astros que percorrem a abobada celeste e que eram, naquele tempo considerados mais ativos que as estrêlas fixas. Sól, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno partilhavam do govêrno do mundo.

Personificado pelos poetas, por necessidade de dramatização mitológica, êste setenário, em seguida, utilizou-se no espírito dos metafísicos. Em seu conjunto, o Templo de Baal apareceu, então, como símbolo da **Causa Primária** imanente, sendo cada um de seus sete planos consagrado a uma das **Causas Secundárias,** organizadoras do Universo.

É a essas causas setenárias que se atribue a Obra da Criação, tal como nos parece nas diversas cosmogonias, das quais a Gnose Hebraica é um espécime particular. Essas causas coordenadoras têm sua consagração nos sete dias da semana, símbolo submúltiplo das **sete épocas** da Criação, cujo culto remonta, no mínimo, à civilização babilônica.

É a esta civilização que devemos, por transmissões sucessivas, as noções misteriosas conservadas, sob forma de ensinamentos secretos, no seio das Escolas Iniciáticas do Ocidente.

Os filósofos herméticos distinguiam sete influências distintas que se manifestam em todo ser organizado, quer se trate do **Macrocosmo** (mundo celeste ou mundos grandes), quer do **Microcosmo** (mundo terrestre ou mundos pequenos) representado pelo indivíduo humano, vegetal ou mineral.

Impunha-se-lhes uma distinção entre a natureza elementar ou rudimentar, sujeita à lei do quaternário dos elementos (já estudada no 1.º Grau) e uma natureza mais elevada, em consequência de um acôrdo vibratório com as sete notas que formam a gama da harmonia universal.

Conhecer estas notas é de importância capital para aquêle que aspira iniciar-se na **música das esferas**, que Pitágoras pretendeu ter ouvido. Elas correspondem aos dias da semana que, a despeito das revoluções religiosas, continuam consagradas ao **setenário divino** concebido, há mais de cinco mil anos, pelos sábios da era remota da **Verdadeira Luz.**

Se êste setenário procedesse, apenas, dos sete planetas e dos sete metais, conhecidos dos antigos, não teria grande importância para nós, por ter passado a sua época. É porem, oriundo de uma concepção muito mais elevada que a emanada de simples observações astronômicas primitivas, ou, mesmo, de uma metalurgia ainda na infância.

Vemos, com efeito, que entre os homens de uma mesma raça há, de fato, sete tipos nìtidamente caraterizados, quer no físico, quer na moral.

Os astrólogos e os quiromantes legaram-nos, a êste respeito, tradições preciosas que representam a aplicação geral da **Lei do Setenário,** da qual os verdadeiros iniciados devem compreender todo o alcance. Um Mestre não atingirá, jamais, o **Mestrado,** se não compreender que tudo quanto existe é, **ao mesmo tempo, único, tríplice e sétuplo.**

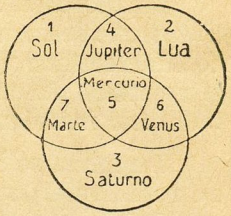
Demos alguns exemplos para clareza do que acabamos de expor.

## A TRINDADE SETENÁRIA

Colocadas em triângulo, três rosetas de seda decoram o Avental dos Mestres. Estas rosetas representam, simbòlica-

mente, três anéis entrelaçados para formar a **Trindade**, onde se encontra o **setenário.**

Nada mais simples do que esta representação muda, evocadora de conceitos filosóficos, cuja exposição forneceria matéria para uma série de numerosos volumes.




Contentar-nos-emos, porém, em dar nesta instrução, apenas, as indicações precisas e concisas, destinadas a guiarem os aspirantes ao verdadeiro Mestrado intelectual.

1.º) — Círculo de ouro — Sol, centro imutável de onde irradia tôda a atividade. Espiríto que anima a matéria — o Enxofre dos alquimistas, — Fogo interior, individual. — Elemento gerador de côr rubra, sangue, ação, calor e luz.

2.º) — Cículo de prata — Lua, astro variável, espelho receptivo de influências; molde prático que determinada tôda a formação; — Substância passiva, esposa do espírito; — o Mercúrio dos herméticos, veículo da atividade espiritual, que penetra em tôdas as coisas; — Espaço, côr azul: ar, sentimento, sensibilidade.

3.º) — Círculo de Bronze ou de Chumbo, — Saturno, Deus precipitado do céu, que reina sôbre o que é pesado, material, — materialidade, positivismo, energia material, — Côr amarela, tendente a obscurecer-se, passando ao cinzento e ao negro; arcabouço ou carcassa óssea, base sólida de tôda a construção, rocha que fornece pedra bruta, ponto de partida da Grande Obra.

4.º) — Interferência de 1 e 2. O **Filho,** nascido da união do **Pai** e da **Mãe.** Júpiter, oposto a Saturno, por Êle destronado, correspondente à espiritualidade. É Êle que ordena e decide, projetando o raio, a centelha da Vontade. Côr de púrpura ou violeta (complementar da amarela); idealismo, consciência, responsabilidade, auto-direção.

5.º — Espaço central, no qual as três côres primitivas se sintetizam na luz branca. Estrêla Flamejante, Mercúrio dos Sábios, quintessência, — Éter vivente sôbre o qual tudo age e reflete. Fluido de atração, grande agente do magnetismo.

6.º) — Domínio da interferência de 2 e 3. — Vênus, a vitalidade, o orvalho gerador dos sêres. Côr verde: doçura, ternura, sensibilidade física.

7.º) — Interferência de 1 e 3 — Atividade material — Marte, necessidade de ação, motricidade que despende e consome a energia vital. Fogo devorador, côr de chama, amarelo-vermelho-escarlate; instinto de conservação, egoismo, ferocidade, mas, também, potência inquebrantável de realização.

Êste setenário, assim esboçado, encontra-se até nos sete pecados capitais, cuja distinção se funda em dados iniciáticos.

a) — Orgulho, prejudicial quando oriundo de uma vaidade frívola, ligado ao Sol, porque, como êle, ofusca os fracos.

b) — Preguiça, proveniente da passividade lunar, elanguescida em inércia abusiva;

c) — Avareza, vícios essencial dos **saturninos**, previdentes e prudentes em excesso;

d) — Gula, própria dos **jupeterianos**, indivíduos hospitaleiros e generosos, que cuidam muito do próprio eu;

e) — Inveja, tormento dos **mercurianos**, agitados, que jamais se satisfazem e não podem deixar de ambicionar aquilo que não possuem;

f) — Luxúria, proveniente do exagêro das qualidades de Vênus;

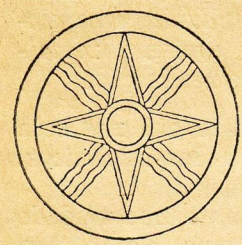
g) — Cólera, enfim, que é o defeito de Marte, de que exalta a violência e os transportes.

Note-se que 1 se opõe a 6, 2 a 7 e 3 a 4, enquanto 5 a nada se opõe, assegurando o equilíbrio geral.

Se fosse suprimido um só dêsses pecados capitais, o equilíbrio do mundo material romper-se-ia. Nada demonstra melhor a importância do setenário, tal como o concebem os iniciados.

## A OCTOADA SOLAR

O número oito, que é o dos Kabirim semíticos, encontra-se no emblema babilônico do Sol, cujos raios se repartem numa dupla cruz. Verticais e horizontais estão colocados seus raios rígidos, que se referem ao quaternário dos elementos, bem como aos efeitos físicos da luz e do calor. Os raios oblíquos



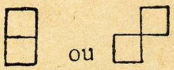
indicam, ao contrário, pela ondulação, que estão vivos e como, além disso, são tríplos, fazem alusão ao duodenário (3x4) das divisões da eclíptica, como veremos mais tarde.

O Sol era considerado, pelos antigos, como um dos sete agentes coordenadores do mundo, mas se lhe atribuia, por outro lado, uma influência permanente, essencialmente reguladora. É êle que assegura a ordem das estações, a sucessão regular do dia e da noite, de modo que, por extensão, todo o funcionamento normal fôsse considerado como obra sua. O **deus-luz** tem horror à desordem, que reprime por tôda parte. É por isso que êle favorece o raciocínio lúcido, que coordena as idéias segundo as leis de uma lógica sã. Modera as paixões, a fim de que elas não possam perturbar a serenidade de que êle é o prodigalizador. Intervém até no organismo, quando tudo não funciona normalmente. A medicina foi, por isso, colocada sob a égide do deus regulador, cujo filho, Asclépios ou Esculápio, tem o poder de curar, restabelecendo a harmonia do ritmo vital, tornado discordante pela enfermidade.

A virtude solar tende a dissipar todos os males; ela faz penetrar a clareza no entendimento, a paz no espírito e restitue a saúde ao corpo. Sua ação é reparadora, de tal forma, que o Sol foi considerado como o grande amigo dos viventes, seu salvador ou Redentor. Nesta qualidade, convém grupar sua irradiação em cruz ou, melhor, em dupla cruz. O cristianismo imbuiu-se fortemente dessas idéias antiquíssimas.

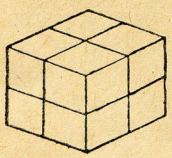
Um Sol, cujos raios formam **oito** feixes de luz, decorava o Orador das Lojas do século XVIII. Êsse emblema exprimia, com muita propriedade aquêle que vela pela aplicação da lei e deve fazer a luz, no espírito dos neófitos, sôbre os mistérios da iniciação.

Observemos, ainda, que o nosso algarismo 8 deriva de dois quadrados superpostos, ou se tocando por um dos angulos —




A primeira forma é oriundo da letra Het fenícia, oitava letra do alfabeto primitivo que, simplificada, tornou-se o nosso H (tambem oitava letra) e o nosso 8. Ela lembra-nos um quadrado duplo e longo, isto é, um **quadrilongo**, que representa a

Loja ou mais exatamente, o santuário inviolável do supremo ideal maçônico.



Além disso, 8 é o cubo de 2, que se pode representar, gràficamente, pela figura à margem, que mostra a realização da OCTOADA, unidade superior e perfeita, no domínio das três dimensões. **Oito** torna-se, assim, o número da coesão construtiva, fonte da solidez da Grande Obra Maçônica.

## A ENÉADA OU TRÍPLICE TERNÁRIO

Se numa Loja, **oito** é o número do Orador e **sete** o do Mestre que dirige os trabalhos, **nove** é o número adequado ao secretário, encarregado do traçado que assegura a continuidade da Obra.

Simbòlicamente, o traçado executa-se sôbre uma prancha dividida em 9 quadros, cuja ordem numérica determina a significação.

As três filas de números correspondem aos graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre. Referem-se, também, à vontade e ao ato. As colunas verticais exprimem, em compensação, a triplicidade inerente a tôda manifestação unitária, na qual distinguem-se, necessàriamente, três têrmos:

| | | |
|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 |
| 7 | 8 | 9 |

1.º — O SUJEITO, agente princípio de ação, causa ativa, centro de emanação;

2.º — O VERBO, atividade, trabalho, emanação radiante;

3.º — O OBJETO, resultado, obra terminada, ato efetuado.

Aplicando-se estas noções gerais a cada um dos têrmos do tríplice ternário, chega-se às seguintes interpretações:

1) — O princípio pensante, centro de emissão do pensamento;
2) — O pensamento, ato, ação de pensar;
3) — A idéia, pensamento formulado ou emitido;
4) — O princípio votivo, centro de emissão da vontade;
5) — A energia volitiva, a ação de querer;
6) — O voto, o desejo, a volição desejada;
7) — O princípio ativo, dispondo do poder executivo, dirigente e realizador;

8) — A atividade operante;
9) — O ato realizado e sua repercussão permanente. A experiência do passado, semente do futuro.

Não há palavras capazes de traduzir o que êsse agrupamento de números sugere aos iniciados. Isto faz parte dos segredos incomunicáveis. Para não haver confusão entre domínios e categorias, necessária se torna uma concepção clara e bem nítida.

É o que se chama, simbòlicamente, **trabalhar na prancha de desenho** ou **tábua de traçar.**

## A DÉCADA

Em hebráico, TRADIÇÃO chama-se "QUABBALAH", e por isso, denomina-se CABALA à filosofia que se transmite, iniciàticamente, de geração em geração. Baseia-se ela sôbre as especulações numéricas resumidas na teoria dos SÉPHIROTH (números) cujo fim é ligar o Relativo ao Absoluto, o Particular ao Universal, o Finito ao Infinito, a Terra ao Céu. Esta união obtém-se por meio da DÉCADA, da qual cada têrmo recebeu sua denominação característica.

1) — **Coroa** ou **Diadema** — Unidade, Centro, Princípio de onde tudo dimana e encerra tudo **em potência,** em germe ou semente. O Pai, Fonte, ponto de partida de tôda atividade. Agente pensante e consciente que diz: **Ehlveh — eu sou!**

2) — **Sabedoria** — Pensamento criador, emanação imediata do Pai seu primogênito, o Filho, Palavra, Verbo, Logos ou Razão Suprema.

3) — **Inteligência, Compreensão** — Concepção e geração da idéia. Isis, Virgem-Mãe, que dá à luz a imagem original de tôdas as coisas.

4) — **Graça, Misericórdia, Mercê, Grandeza, Magnificência** — Bondade criadora, que incita os sêres à existência. Poder que dá e espalha a vida.

5) — **Rigor, Severidade, Punição, Temor, Julgamento** — Govêrno, administração da vida adquirida. Dever, auto-domínio moral que reprime, que modera. Discreção, reserva que obriga à restrição.

6) — **Beleza** — Ideal, segundo o qual as coisas tendem a constituirem-se. Sentimento, Desêjo, Aspiração, Volição no estado estático.

7) — **Vitória, Triunfo, Firmeza** — Discernimento que dissipa o CÁOS, coordena as fôrças construtoras do mundo, dirige sua aplicação e assegura seu Progresso. O G.A.D.U..

8) — **Esplendor, Glória** — Coordenação, Lei, Justiça imanente; Lógica das coisas; encadeamento necessário das **causas** e dos **efeitos**.

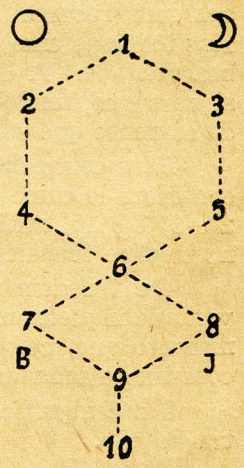
9) — **Base, Fundamento, Plano** imaterial, segundo o qual tudo se constroi. Potencialidade latente. Prancheta de traçar. Fantasma preexistente do que deve ser.

10 — **Reino, Criação** — A pedra da perpétua transformação. Aparência, Fenomenalidade. Matéria, fonte de tôdas as ilusões e de tôdas as imposturas.

O décimo **Sephiroth (número)** torna a reduzir à unidade os nove precedentes; figura o plano sôbre o qual se ergue o portador da **Coroa**, isto é o Homem universal, o Grande Adão espiritual, cujo corpo é assim, distribuído entre os Sephiroth (números):

**Sabedoria**, cérebro; **Inteligência**, garganta, órgãos da palavra; **Graça**, braço direito; **Rigor**, braço esquerdo; **Beleza**, peito, coração; **Vitória**, perna direita; **Esplendor**, perna esquerda; **Base**, órgão da geração.

A DÉCADA SEPHIRÓTICA (numérica) é comparável à **árvore da vida** das antigas cosmogonias, conforme mostra a figura à margem, baseada nesta concepção.




Os três primeiros números constituem uma tríada intelectual, que se reflete numa segunda tríada moral ou psíquica que por sua vez, é apoiada por uma última tríada dinâmica ou física. A coluna central 1, 6, 9 e 10 é neutra ou andrógina, conciliadora das oposições da direita e da esquerda, isto é, entre 2, 4, 7, figurando a Col. J., masculina-ativa, e 3, 5, 8, a Col. B., feminina- passiva.

O simbolismo Maçônico concorda, **in totum**, com o que a Cabala tem de essencial. Sob êste ponto de vista, vamos mostrar a coincidência da **árvore da vida** e a hierarquia dos Ofícios de uma Loja Maçônica; da **árvore dos Séphiroth** com a organização e a hierarquia.

1) — **A Coroa** ocupa o lugar do Ven. Mestre, dirigindo os trabalhos, que os ramos do Esquadros ligam a 2, isto é, à Sa-

**bedoria**, à **Razão** — o Orador, e a 3, Inteligência, compreensão que registra, — O Secretário.

4) — **Graça** e 5) — **Rigor**, correspondem ao Hospitaleiro e ao Tesoureiro.

6) — **Beleza**, cabe ao M. de Cerimônias, coordenar tôdas as formalidades do ritual.

7) — **Vitória**, **Firmeza** e 8) — **Esplendor**, **Ordem**, são próprias dos 1.º e 2.º Vigilantes, enquanto que 9) — **Base** ou **Fundamento** refere-se ao Experto, guarda das Tradições.

10)—)**Reino**, ou **mundo profano**, é o domínio do Ir. Cobridor, que vela, exteriormente pela segurança dos trabalhos.

## O NÚMERO ONZE

O número **onze** foi, sempre, considerado particularmente misterioso, talvez porque exprime a reunião de 5 e 6, que são os algarismos do Microcosmo e do Macrocosmo.

O verdadeiro iniciado deve concentrar sôbre si as energias espalhadas e difusas do ambiente; disporá, assim, de uma potência ilimitada, proveniente das fôrças invisíveis ou astrais, no sentido iniciático da palavra. O Maçon, que se vota, de todo coração e com tôda sua inteligência, à execução do plano do Grande Arquiteto, pode executar um trabalho muito superior aos seus recursos pessoais, porque com êle se mantém solidárias tôdas as energias que são postas em atividade pela mesma boa vontade. A **Cadeia de União** é efetiva para todo o adepto sincero que, tendo realizado o equilíbrio (8), recebe na medida da corrente que soube estabelecer, transmitindo-a.

Para completar o estudo do número **onze**, deve-se, além de considerá-lo como a soma de 5 e 6, decompô-lo em 4 e 7, 3 e 8, 2 e 9, 1 e 10, atribuindo a êsses números o valor que êles têm no tríplice ternário e na **árvore dos números**.

4 e 7 fazem ressaltar a potência de 11, de um poder de vontade inquebrantável, fixo e positivo (4), associado ao discernimento que, colocando cada qual em seu lugar, sabe dirigir com tino e mandar estabelecendo a harmonia (7).

3 e 8 significam a Inteligência (3), unida à boa administração (8).

2 e 9 representam a irradiação da Sabedoria (2), acumulada sôbre a prancha de traçar (9). O iniciado prevê, atua e influe sôbre tudo o que deve acontecer; daí, seu poder irresistível.

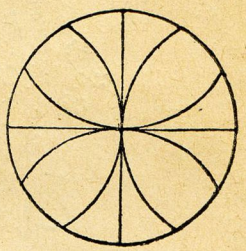
1 e 10 nos mostram, enfim, a síntese da década. Restabelecida a Unidade, o Todo presta-se à execução das maravilhas da

**"causa única"**, de que trata a **Tábua de Esmeralda** de ermes Trimengista.

Por outras palavras: **"Penetremos até o centro e tudo nos obedecerá".**

## O DUODENÁRIO

**Doze** corresponde à divisão mais antiga e mais natural do círculo, dada por dois diâmetros que se cortam em âgudos retos e por quatro arcos, do mesmo raio que o da circunferencia, traçados, tomando-se como centro os extremos da cruz, como nos mostra a figura à margem.



Esta divisão é aplicada ao Céu, onde determina doze espaços iguais, que o Sol percorre, regularmente, em sua trajetória anual aparente, em torno da Terra.

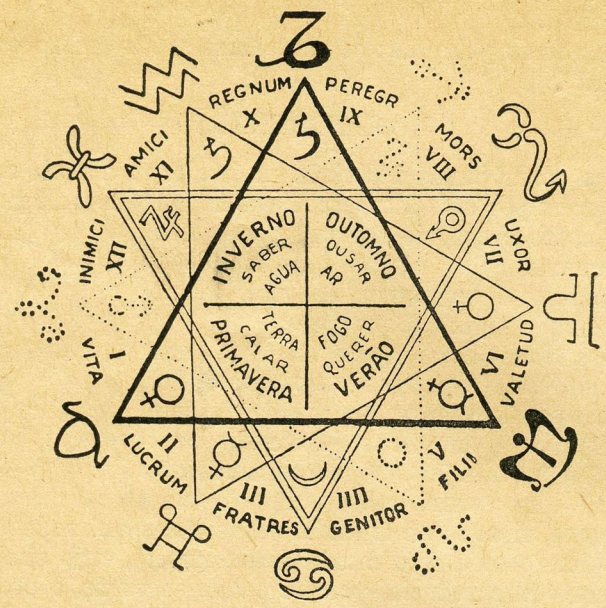
As Constelações, que coincidiram, outrora, com êstes espaços, lhes deram seus nomes, tirados de animais ou de sêres animados.

Assim formou-se o **duodenário** zodiacal, cujo simbolismo é de máxima importância, porque o ano se torna o protótipo de todos os ciclos, emblematizando tanto as fases da vida humana como as da Iniciação.

Nos Mistérios de Céres, o Iniciado partilhava, de fato, dos destinos da semente confiada ao solo. Como esta, êle deveria sofrer a influência solar para desenvolver-se e frutificar, depois do que tornava a passar por êsse encadeamento de transformações de que resulta o ciclo da vida. Cada Signo do zodíaco tem, sob êste ponto de vista, significação particular que será compreendida depois de algumas indicações gerais sôbre o simbolismo dos doze Signos.

Esta figura resume as tradições sôbre o zodíaco, cujos signos têm estreita ligação com o setenário dos planêtas considerando o Sol como tendo morada no **Leão** e a Lua, no **Cancer.** Os outros domínios ou esferas de influências dividem-se do modo seguinte:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Mercúrio | — | Gêmeos | — | Virgem |
| Vênus | — | Touro | — | Balança |
| Marte | — | Áries | — | Escorpião |
| Júpiter | — | Peixes | — | Sagitário |
| Saturno | — | Aquário | — | Capricórnio |




Por outro lado, cada signo participa da natureza de um dos quatro elementos, donde a seguinte classificação:

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Fogo | — | Áries | — | Leão | — | Sagitário |
| Terra | — | Touro | — | Virgem | — | Capricórnio |
| Ar | — | Gêmeos | — | Balança | — | Aquário |
| Água | — | Cancer | — | Escorpião | — | Peixes |

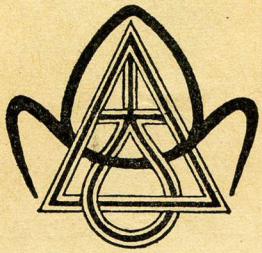
Cada signo é, dêste modo, caracterizado por um Planeta e por um elemento. Vejamos, agora, o que se infere dêstes dados em relação à iniciação.

Os doze **Pentaclos** seguintes, unindo o Elemento e o Planeta ao Signo, elucidarão a questão:

I — ÁRIES — FOGO — MARTE. Trata-se do **fogo construtivo** interior, estimulando o crescimento e o desenvolvimento. Entorpecido no inverno, desperta na primavera, fazendo germinar a semente e provocando a eclosão dos rebentos. Representa a iniciativa individual, que se desenvolve sob o impulso de uma

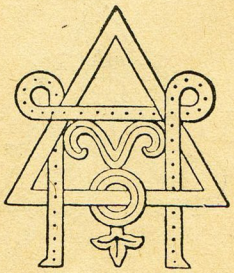
influência exterior, como a energia encerrada no germe entre em função sob a ação do Sol.

**Símbolo — O ardor iniciatico conduzido à procura da iniciação.**



II — TOURO — TERRA — VÊNUS. A Matéria receptiva na qual se efetua a fecundação. Elaboração interior.

**Símbolo — O Recipiendário, judiciosamente preparado, foi admitido às provas.**

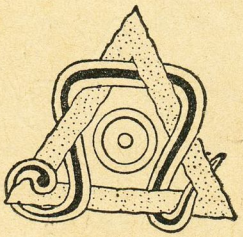


III — GÊMEOS — AR — MERCÚRIO. Os filhos da Terra fecundada pelo fogo. O duplo Mercúrio dos Alquimistas simbolizado por duas cabeças. Vitalidade construtiva. Sublimação da matéria na flor que murcha.

**Símbolo — O Neófito recebe a Luz.**

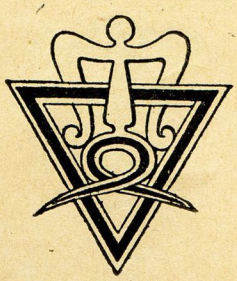
IV — CÂNCER — ÁGUA — LUA. A seiva entumece as formas que atingem à plenitude. A vegetação é luxuriante. É a estação das fôlhas, das ervas e dos legumes, mas os cereais e os frutos estão, ainda, verdes. Dias longos, resplendentes de luz.

**Símbolo — O Iniciado instrue-se, assimilando os ensinamentos iniciáticos.**



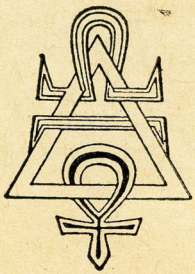
V — LEÃO — FOGO — SOL. Terminada a ação construtora do ardor interior de Áries, o Fogo exterior intervem para ressecar e matar tôda a constituição aquosa, cozendo e amadurecendo o invólucro dos germes. A razão implacável exerce sua crítica severa sôbre todas as noções recebidas.

**Símbolo — Iniciado julga, por si próprio e com severidade as idéias que puderam seduzí-lo.**



VI — VIRGEM — TERRA — MERCÚRIO. A substância fecundada, esposa virginal do Fogo fecundador, dá à luz e recupera sua virgindade. A colheita está madura; o calor é menos tórrido.

**Símbolo — Tendo feito sua escolha, o Iniciado reune os materiais da construção para desbastá-los e talhá-los segundo o seu destino.**

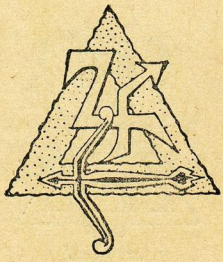


VII — BALANÇA — AR — VÊNUS. Equilíbrio das fôrças construtoras e destrutivas. Maturidade: o fruto no máximo de seu sabor.

**Símbolo — O Companheiro em estado de desenvolver seu máximo de atividade ùtilmente empregada.**

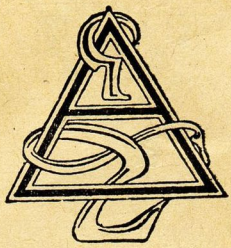
VII — ESCORPIÃO — ÁGUA — MARTE. A massa aquosa fermenta. Os elementos de construção vital dissociam-se, atraídos por novas combinações. Desorganização revolucionária. O Sol precipita sua queda para o outro hemisfério.

**Símbolo — Conluio dos maus companheiros. Hiram é ferido de morte.**



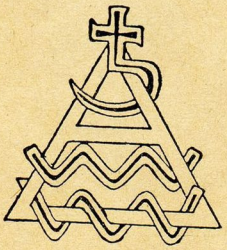
IX — SAGITÁRIO — FOGO — JÚPITER. O espírito animador destaca-se do cadáver e paira nas alturas. A natureza toma um aspecto desolador.

**Símbolo — Os obreiros abandonados, sem direção, lamentam-se, e dispersam-se à procura do corpo do Mestre assassinado.**



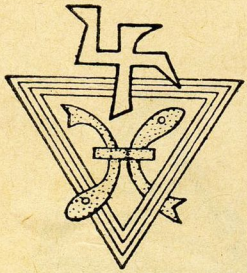
X — CAPRICÓRNIO — TERRA — SATURNO. Nada mais vive; a substância terrestre está inerte, passiva mas é, ainda, **fecundável.**

**Símbolo — Descobre-se o túmulo de Hiram.**



XI — AQUÁRIO — AR — SATURNO. Os elementos construtivos reconstituem-se na terra adormecida, mas, em preparo de novos esforços geradores; ela satura-se de dinamismo vitalizante.

**Símbolo — O cadáver de Hiram é desenterrado e forma-se a cadeia para ressuscitá-lo.**



XII — PEIXES — ÁGUA — JÚPITER. O gelo quebra-se; a neve funde-se, impregnando o solo de fluidos próprios a serem vitalizados. Os dias dilatam-se ràpidamente; o reino da Luz impera.

**Símbolo — Hiram é levantado, torna a si; a Palavra Perdida é encontrada.**

* * *

Diario de Notícias - 6 fevereiro 1897 - uma peça de escultura em cedro do Ramalho.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

**Contato**

**E-mail : acervodigitalsec@gmail.com**

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura